



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA

VIVIAN STEFANY RIBEIRO

A INTERAÇÃO HAITIANA EM CONCÓRDIA/SC

CHAPECÓ

2018

VIVIAN STEFANY RIBEIRO

A INTERAÇÃO HAITIANA EM CONCÓRDIA/SC

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Claudete Gomes Soares

CHAPECÓ

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Ribeiro, Vivian Stefany

A INTERAÇÃO HAITIANA EM CONCÓRDIA/SC / Vivian Stefany
Ribeiro. -- 2018.

97 f.

Orientadora: Dra. Claudete Gomes Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Ciências Sociais-Licenciatura, Chapecó, SC , 2018.

1. A HISTÓRIA CONSTRUÍDA DO OESTE CATARINENSE:
EXPLORANDO A EXPERIÊNCIA DE CONCÓRDIA. 2. A IMIGRAÇÃO
HAITIANA PARA SANTA CATARINA: A EXPERIÊNCIA DE
CONCÓRDIA. 3. A VIDA NO BRASIL: RACISMO, EXPECTATIVAS
FRUSTRADAS E PLANOS PARA O FUTURO. I. Soares, Claudete
Gomes, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

VIVIAN STEFANY RIBEIRO

A INTERAÇÃO HAITIANA EM CONCÓRDIA/SC

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

13, 12, 2018.

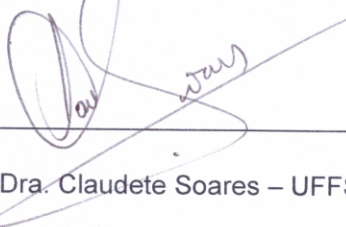
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Valdete Boni - UFFS



Prof^a. Dra. Monica Hass – UFFS



Prof^a. Dra. Claudete Soares – UFFS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, amigos e aos meus entrevistados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico todo este trabalho aos meus pais e família pelo apoio e compreensão incondicional durante toda a graduação. Pois foram eles que compreenderam minhas chegadas e partidas, as inúmeras ausências e privações. Agradeço pelas condições e por todo o suporte que me deram para que eu pudesse concluir a graduação e investir em minha formação, espero ter correspondido da melhor forma possível. Sou eternamente grata pela ajuda que me deram nos momentos difíceis que passei e feliz em poder compartilhar tantas alegrias ao lado das pessoas que amo, tendo a possibilidade de estar novamente presente na vida de todos que são tão caros por mim.

Agradeço profundamente minha querida mãe e pai, Vandra e Vanderlei, pela vida e por compartilhar dela ao lado de vocês.

Aos meus queridos tios, Jucele e Delmir, pelo apoio e amor incondicional que compartilhamos.

Sou imensamente grata à minha melhor amiga, Janaina, pela amizade de longa data e por compartilhar comigo momentos únicos. Por ser esta pessoa incrível que sempre esteve ao meu lado.

Agradeço ao meu querido amigo, Miguel, pela parceria e por todos os socorros prestados, pelas idas ao hospital e caronas para casa.

Preciso agradecer também os queridos amigos, Jean e Tissiana, pelas palavras de incentivo, pela companhia mais que especial e alegrias compartilhadas.

Sou grata pela preocupação e torcida dos meus queridos vizinhos e amigos, Janaina e Ubiali, que estiveram presentes durante toda minha trajetória.

Agradeço profundamente minhas colegas de trabalho e amigas, Daniela, Gabriela, Jéssica, Gabi e Diana, pelo apoio para conclusão deste trabalho e pelas pessoas incríveis que são comigo.

Meus sinceros agradecimentos à minha querida orientadora pela paciência, compreensão e auxílio na realização deste trabalho. És para mim um exemplo de dedicação, ética e profissionalismo.

Agradeço especialmente ao Jean, pelo companheirismo e suporte ímpar durante toda graduação, sua ajuda foi essencial para conclusão deste trabalho.

Sou grata pelo aprendizado de sair de casa, pelo amadurecimento e crescimento pessoal e profissional que tive durante o tempo que vivi em Chapecó.

É necessário reconhecer e agradecer aos meus professores pelos ensinamentos compartilhados e à UFFS por todo o suporte e condições ofertas para conclusão deste trabalho e graduação.

Agradeço profundamente as amizades colhidas durante este percurso, as escolas que me acolheram e os profissionais que pude me espelhar e aprender.

Sou grata pelas oportunidades e pelo privilégio de participar nos projetos em que estive envolvida e que sem dúvida alguma contribuíram profundamente para minha formação.

Agradeço à todas(os) as(os) envolvidos nas entrevistas, meus caros entrevistados pois sem eles nada disto seria possível e também aos que auxiliaram na transcrição das entrevistas. Minha gratidão especial à minha querida Rosana que além de amiga, me deu todo suporte e me auxiliou de maneira ímpar na realização das entrevistas.

E por fim, agradeço a todos aqueles que sabem o quanto foram importantes embora não tenham sido mencionados.

RESUMO

O presente trabalho se desenvolveu a partir da presença de imigrantes haitianos no Brasil, na região oeste catarinense e especificamente em Concórdia/SC. Pretende-se investigar as relações sociais existentes entre o grupo de estrangeiros e brasileiros, mapeando as relações de poder existentes e identificando as relações com a cidade e o trabalho. Bem como, identificando as principais motivações para escolherem a cidade de Concórdia/SC para trabalhar e viver. Neste cenário, optou-se por uma metodologia qualitativa com entrevistas e relatos informais. Nesta pesquisa verificamos que a história de Santa Catarina corroborou para construção de um imaginário e um discurso que é presente nos dias atuais. Estas relações construídas a partir destes pressupostos delimitaram espaços a serem ocupados pelos negros e brancos no estado. Se constituiu desta forma a utilização de mecanismos de poder da branquitude a fim de perpetuar sua posição de privilégios e prestígios. Neste contexto os imigrantes haitianos são recebidos com estigmas e estereótipos criados para preservar as posições de privilégio entre brancos e não brancos.

Palavras-chave: Haitianos. Branquitude. Brasileiros.

ABSTRACT

The present work was developed from the presence of Haitian immigrants in Brazil, in the western region of Santa Catarina and specifically in Concordia/SC. It intends to investigate the social relations existing between the Group of foreigners and Brazilians, Mapping existing power relations and identifying relations with the city and work. As well as identifying the main motivations to choose the city of Concordia/SC to work and live. In this scenario, we opted for a qualitative methodology with interviews and informal reports. In this research we found that the history of Santa Catarina corroborated to the construction of an imaginary and a discourse that is present nowadays. These relationships constructed from these assumptions have delimited spaces to be occupied by blacks and whites in the state. This was the use of Whiteness power mechanisms in order to perpetuate their position of privileges and privilege. In this context, Haitian immigrants are greeted with stigmas and stereotypes created to preserve the positions of privilege between whites and non-whites.

Keywords: Haitians. Whiteness. Brazilian.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A HISTÓRIA CONSTRUÍDA DO OESTE CATARINENSE: EXPLORANDO A EXPERIÊNCIA DE CONCÓRDIA	17
2.1 UM HISTÓRICO DO OESTE CATARINENSE, SUAS DISPUTAS E RELAÇÕES DE PODER.....	17
2.2 NEGROS E BRANCOS NO IMAGINÁRIO E DISCURSO EM TORNO DE SANTA CATARINA...	25
3 A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA SANTA CATARINA: A EXPERIÊNCIA DE CONCÓRDIA.	30
3.1 ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS DA IMIGRAÇÃO HAITIANA.....	30
3.2 A VINDA PRA O BRASIL E A CHEGADA NO OESTE CATARINENSE: SONHOS E EXPECTATIVAS	41
3.2.1 Trajetórias dos entrevistados	46
3.2.2 Expectativas e frustrações	51
3.2.3 Dificuldades com o aluguel	56
3.3 OFERTA DE TRABALHO E OS SETORES PREDOMINANTES DA PRESENÇA HAITIANA	61
3.4 EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO BRASIL: O QUE ESPERAVAM E O QUE O BRASIL TINHA A OFERECER	66
4 A VIDA NO BRASIL: RACISMO, EXPECTATIVAS FRUSTRADAS E PLANOS PARA O FUTURO	69
4.1 CRISE NO BRASIL E IMPACTOS SOBRE OS HAITIANOS	69
4.2 EXPERIÊNCIAS NO BRASIL: POSITIVAS E NEGATIVAS	73
4.3 RELAÇÃO COM A CIDADE E EXPECTATIVAS FUTURAS: RACISMO E BRANQUITUDE	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA IMIGRANTES HAITIANOS.....	93
ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO	95

1 INTRODUÇÃO

O locus desta pesquisa é a cidade de Concórdia, oeste de Santa Catarina à 80km da cidade de Chapecó. O interesse pela cidade se deu pelo fato de residir em Concórdia há 13 anos da minha vida. Esta cidade que completou 84 anos em 2018 e se intitula a Capital do Trabalho, é conhecida principalmente através da BRF – Brasil Foods que foi fundada em Concórdia, com o nome de Sadia, no ano de 1944.

Inicialmente eu e a minha orientadora já havíamos levantado a hipótese de trabalhar a imigração haitiana para Concórdia, e o primeiro passo foi um mapeamento de algumas notícias das rádios locais. As primeiras notícias mapeadas pelas fontes de rádios online de Concórdia remontam ao ano de 2015, trazendo dados sobre o número de haitianos que chegariam ao estado de Santa Catarina e que poderiam vir a Concórdia em virtude de parentesco e oportunidades de trabalho. No ano de 2016 as notícias estão voltadas ao desemprego e ao êxodo de haitianos em virtude da crise. Já em junho de 2016 foi noticiado nas rádios e mídias online de Concórdia a seguinte pichação em um ponto de ônibus na BR-153, onde estava escrito: FORA GORILAS HAITIANOS DE CONCÓRDIA, acompanhado de uma insígnia nazista.

Este episódio evidente de racismo e xenofobia foi decisivo na escolha de pensar a integração haitiana na cidade de Concórdia. Primeiramente a motivação havia surgido pela participação em um projeto de pesquisa, leituras e discussões, bem como das entrevistas que vem sendo realizadas. Passei a integrar o projeto em questão, a partir do segundo semestre do ano de 2016 como bolsista voluntária da pesquisa: Negritude e Branquitude uma análise da integração haitiana no oeste de Santa Catarina, financiado pela FAPESC e orientado pela professora Claudete Gomes Soares na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó. O objetivo do projeto é investigar nos meios de sociabilidade e integração as relações de poder, status e prestígio que se estabelecem entre os estrangeiros e locais. O projeto também integra as pesquisas do NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, do campus Chapecó.

A importância deste trabalho se dá primeiramente pelo contexto que tornou visível o fluxo migratório de haitianos para o Brasil. Acometidos pelo terremoto que

ocorreu no Haiti em 2010 e por inúmeros outros motivos, bem como pela situação econômica emergente e a oferta de trabalhos no Brasil, a imigração haitiana se intensificou no período do ano de 2010. A partir dos anos de 2015 e 2016 com a crise econômica, aumento dos índices de desemprego e baixa oferta de trabalho, relata-se nos meios de comunicação e nos relatos dos entrevistados o retorno ao Haiti ou a imigração para outro país. Desde então, vários estudos foram realizados e estão em andamento problematizando os conflitos existentes envolvendo imigrantes haitianos e brasileiros. Desta forma, torna-se fundamental pensar o contexto local de Concórdia, uma vez que o município já foi cenário de manifestações expressivas de racismo e xenofobia através de pichações. É preciso considerar também o contexto de formação de Santa Catarina e das cidades do oeste catarinense. A presença haitiana nas cidades da região provoca impressões, estigmas e preconceitos os quais devem ser investigados e problematizados no âmbito acadêmico. Assim como Chapecó, a história de Concórdia é marcada pela colonização, agroindústria e agropecuária. É necessário investigar como uma cidade majoritariamente branca recebe os imigrantes haitianos e como se relaciona com estes.

Desta forma, em meu trabalho pretendo abordar a problemática que diz respeito a pensar como se dá a relação dos haitianos com os moradores locais em Concórdia-SC, em espaços de trabalho e convivência. O principal objetivo é investigar as relações existentes entre estrangeiros e locais. Também acompanham este objetivo, mapear a relação destes imigrantes com a cidade e com o trabalho. Identificar as relações de poder existentes e identificar as motivações para estarem em Concórdia-SC. Deste modo como tais grupos reagiriam a presença de grupos diferentes? Como estes grupos reagiriam a presença de grupos de imigrantes? Que local estes novos grupos ocupariam nestas sociedades que mantêm as mesmas características até os dias atuais? É nesta analogia que pensaremos e questionaremos, como a presença haitiana vem sendo tratada e representada nas cidades da região oeste catarinense.

A metodologia qualitativa adotada circula em torno das entrevistas realizadas em Concórdia durante o TCC II e também com as contribuições das entrevistas do projeto de pesquisa no qual integrei, bem como, em observações e relatos informais. Atualmente existem vários trabalhos que abordam o Haiti ou os Haitianos como centro de pesquisa. As principais pesquisas que aparecem quando pesquisamos sobre o

Haiti são as que têm vínculo com as missões brasileiras, o terremoto, o racismo, questões de saúde e ambientais; no período que compreende 2011 até o ano de 2017. Sem contabilizar as inúmeras reportagens em que a presença haitiana é noticiada e veiculada nos diferentes meios de comunicação. Em Santa Catarina sabemos da existência de várias teses, monografias e pesquisas sobre os imigrantes haitianos. Baseado nos trabalhos que estão em desenvolvimento e nos existentes mapeados, selecionei alguns textos que possuem contribuições e ideias centrais sobre a temática a ser desenvolvida.

Como pretendi trabalhar as relações existentes entre estrangeiros e locais no município de Concórdia, soube de uma reunião com uma organização da sociedade civil intitulada Niara que tem vínculo com os direitos da população negra de Concórdia. Lá conheci Ary Barreiros o presidente da organização que me informou da existência de um livro produzido por uma jornalista com o título de “Haitianos em Concórdia (SC)”. O livro é de autoria de Letícia Kutzke e foi publicado no ano de 2016. Sendo assim, um dos materiais sobre os haitianos em Concórdia mais recentes e um dos únicos materiais produzidos dos quais eu tomei conhecimento em minhas pesquisas. Das pesquisas realizadas apenas reportagens em rádios locais faziam parte das informações coletadas.

A jornalista começa o livro falando sobre a cidade de Concórdia e data a chegada dos Haitianos na cidade por meados de 2014, com a chegada de 50 haitianos para trabalharem na BRF. A autora comenta o fato de o município se demonstrar em primeiro momento aberto aos imigrantes, mas que a realidade na verdade era de piadas, estigmas e estranhamento para com eles. Letícia Kutzke faz o relato de uma conversa com o coordenador pedagógico da formação para jovens e adultos na qual ela identifica conteúdo preconceituoso. Segundo a autora, ela recebeu orientações de como não ser simpática com os alunos haitianos. O coordenador e a professora também relataram que eles são muito arredios. “Todos estão no Brasil em busca de melhores condições de vida e para tentar ajudar seus familiares que ficaram para trás. Procuram oportunidades de estudar e construir um futuro melhor. Entre as causas da saída do país de origem, alegam a instabilidade política e a falta de segurança” (KUTZKE, 2016, p.22). Os alunos eram evangélicos e de diferentes igrejas, quando perguntados sobre a sociabilidade indicaram que o lugar que iam era a igreja.

Um dos principais referenciais a serem utilizados é o autor Joseph Handerson, em especial sua tese de doutorado intitulada *Diaspora*. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. A sua dissertação de mestrado de 2010 intitulada *Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano* também foi importante pois considera aspectos históricos no que tangem o processo de colonização e a independência haitiana, perpassando aspectos da identidade haitiana e a relação da religiosidade com esta construção da identidade. Sempre considerando os múltiplos aspectos que incidem sobre esta construção, sendo eles, a colonização europeia, o processo de independência, a resistência religiosa e o sincretismo.

Utilizei outros autores no que diz respeito aos estudos de imigração, chamo atenção para o trabalho de Baeninger e Magalhães (2016), pois eles trouxeram importantes considerações sobre a emigração Haitiana não ser um processo recente, mas é algo que vem ocorrendo desde o fim do século XIX. Os autores apresentam que novos fatos foram incorporados à razão da migração da população haitiana, como uma nova configuração do capitalismo pós crise de 2008. Eles também consideram o início de uma onda mundial mais conservadora que culminou em práticas xenofóbicas e no estabelecimento de uma seletividade maior quanto aos imigrantes. O Brasil emerge neste cenário por sua abertura e expansão econômica vinculada aos Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo que além da visibilidade acabam propiciando possibilidades de empregos. Consideram ainda a mobilidade dos imigrantes haitianos que vem para o Brasil e mais especificamente para Santa Catarina e tem relações com o trabalho. Também utilizei neste trabalho a discussão de Frantz Fanon, para abordar o racismo e sua relação colonial.

Optou-se por pensar esta relação de estrangeiros e locais com a contribuição da obra de Norbert Elias e John L. Scotson, *Os estabelecidos e os Outsiders*, publicado no ano de 1965. A obra trata do contexto de uma pequena cidade da Inglaterra, estabelecendo os conflitos entre os moradores locais e os forasteiros, identificados pelo autor como outsiders. A relação de conflito emerge de valores e estilos de vida diferentes dos estabelecidos moradores e dos novos outsiders. A obra aborda questões sociológicas como a exclusão, a discriminação e a violência daquele contexto. O livro foi um trabalho reconhecido pelo seu caráter etnográfico na cidade de Winston Parva (nome fictício adotado pelos autores).

O livro resulta de um processo de três anos de trabalho de campo. Além da observação participante o autor se utilizou de fontes documentais, relatórios oficiais do governo e estatísticas. O grupo de outsiders era estigmatizado pelos aspectos de violência, delinquência e desintegração, sendo excluídos dos espaços de sociabilidade. Elias e Scotson trabalham com a hierarquização presente, bem como os elementos de pertencimento e reconhecimento. Novamente tendo em vista o objetivo principal e específicos desta monografia, é indispensável dialogar com a pesquisa de Elias e Scotson, investigando as relações entre estrangeiros e locais, as relações entre estrangeiros e locais na cidade em locais de sociabilidade, e no espaço de trabalho. Desta maneira, é preciso dialogar com a autora Lia Vainer Schucman para entender como a branquitude está relacionada aos locais ocupados pelos estrangeiros e brasileiros nesta relação hierárquica entre os grupos.

Para auxiliar a pensar este universo de pesquisa, utilizarei o conceito de branquitude, selecionei a tese de Lia Vainer Schucman, *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*, publicado em 2012 pela USP para obtenção do grau de Doutora em Psicologia. O trabalho aborda as relações de poder na região paulistana, onde o conceito de branquitude é construído pautado na ideia da superioridade racial branca e na estruturação de uma cidade predominantemente racista. A autora explora as relações simbólicas e materiais de privilégio estabelecidos por estas relações. Ainda realiza uma retomada sobre o conceito de branquitude na área de ciências humanas e da psicologia. O trabalho de Lia Vainer Schucman se faz importante para pensar o contexto das relações de poder estabelecidas entre estrangeiros e locais em Concórdia, seus estigmas e representações estabelecidos com base na negritude dos corpos dos outsiders. Desta forma, estes são alguns dos referenciais utilizados para pensar e desenvolver este trabalho.

Meu primeiro contato com os entrevistados se deu através da entrevistada Rosana, que me indicou amigos e conhecidos haitianos para meu trabalho. Entrevistei nove haitianos/as durante o desenvolvimento desta pesquisa, sendo eles 6 homens e 3 mulheres. Em dois casos acabei realizando entrevistas em grupo por preferência dos entrevistados. A quantidade de entrevistados se definiu em conversa com a orientadora e por se tratar de uma amostragem que levou em consideração o tempo de desenvolvimento do trabalho. O perfil dos entrevistados é apresentado no decorrer

do capítulo dois. O contato com os entrevistados foi facilitado através de Rosane, mas em todos os casos eles estavam dispostos a ajudar com a pesquisa, mesmo com a dificuldade linguística de alguns entrevistados. Minha primeira entrevistada foi Rosana, fui até a casa dela e realizamos a entrevista. Naquele dia havia seu marido, primo e filha em casa. Sua filha esteve junto conosco durante a entrevista. No geral a entrevista não foi difícil, salvo por algumas dificuldades linguísticas, mas nenhuma intransponível. Ela me recebeu muito bem e se colocou a disposição para ajudar com as outras entrevistas. Desta forma, foi ela que através de seus conhecidos haitianos e haitianas fazia o intermédio de se eles poderiam e gostariam de participar do meu trabalho. Rosana conseguia o número dos entrevistados ou me chamava para conversar com eles, em uma entrevista cedeu inclusive sua casa para realização e seu marido foi encontrar meu entrevistado para trazê-lo até a casa de Rosana.

Sem dúvida alguma ela foi essencial na realização deste trabalho. Por vezes me acompanhava até o terminal de ônibus ou esperava comigo minha carona chegar. Rosana me deu todo suporte e me apresentou pessoas e histórias de vida incríveis. Também realizei muitas entrevistas em lanchonetes, sempre deixei os entrevistados livres para escolherem um local ou se preferissem que fosse até onde moram. Em dois casos acabei fazendo uma entrevista em grupo, por escolha dos entrevistados, todos queriam ouvir e falar sobre suas experiências juntos. No geral, o momento que mais me incomodava era mostrar a pichação para os entrevistados, era um momento de extremo desconforto pra mim e pra eles geralmente. Acredito que todas as entrevistas tiveram pontos extremamente relevantes, e na maioria dos casos fiz novos amigos. Encontro alguns entrevistados no meu dia a dia, eles me cumprimentam e falam comigo em algumas expressões de crioulo e francês que me ensinaram. Meu contato diário e mais próximo continua sendo com a entrevistada Rosana.

A organização desta monografia compreende três capítulos em seu desenvolvimento. O primeiro capítulo se desenvolve em torno das relações de poder, os conflitos e disputas entre os grupos construídos no espaço geográfico e simbólico do oeste catarinense, como um espaço branco e do trabalho. O capítulo dois aborda os aspectos sócio históricos da imigração haitiana e apresenta as expectativas e possibilidades dos haitianos que estão em Concórdia-SC, bem como, como estes estão inseridos no universo da oferta de trabalho. Já o capítulo três apresenta as experiências de vida dos haitianos entrevistados no Brasil e na cidade de Concórdia-

SC. No capítulo final são abordados os impactos da crise brasileira sobre a vida dos imigrantes, sua relação com a cidade e experiências negativas e positivas. Neste capítulo ainda são apresentados os planos para o futuro e as experiências com o racismo e a branquitude.

2 A HISTÓRIA CONSTRUÍDA DO OESTE CATARINENSE: EXPLORANDO A EXPERIÊNCIA DE CONCÓRDIA

2.1 UM HISTÓRICO DO OESTE CATARINENSE, SUAS DISPUTAS E RELAÇÕES DE PODER

Para mapear os tipos de relações entre imigrantes haitianos e os brasileiros e como estas permeiam suas interações é fundamental neste trabalho compreender a história do Oeste catarinense e consequentemente seu processo de colonização. O território em questão sempre esteve em disputa, segundo Alceu Werlang (2017), em seus diferentes períodos históricos, entre os países de Portugal e Espanha, entre o Brasil e Argentina e também entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Estas disputas territoriais históricas obtiveram sua resolução apenas em 1916 com a divisão territorial. A disputa, entretanto, permaneceu entre caboclos, indígenas e colonizadores segundo os relatos do trabalho de Werlang (2017). Esta disputa está implícita até os dias atuais em suas reconfigurações, permeando relações marcadas pela diferença e pelas relações de poder existentes entre estes grupos. Estas relações marcadas pelas diferenças entre grupos também se reconfiguraram com a chegada de novos grupos que mencionarei no decorrer do trabalho.

A população indígena, uma das primeiras residentes dos territórios do oeste catarinense, sofreu um longo e violento processo de dizimação e expulsão com a chegada do processo de colonização e extração de riquezas dentro do território de Santa Catarina. A partir do século XVIII, o território era ocupado predominantemente por fazendas de gado e também era utilizado para extração de erva mate, aos poucos os caboclos que até então ali residiam também passaram por um processo de expulsão. Neste período, no entanto, o governo imperial não se preocupava em grandes proporções com a região.

Acerca da divisão de terras Werlang trás o seguinte relato:

[...] as terras localizadas entre os rio Chapecó e Barra Grande foram destinadas aos alemães católicos, surgindo desta colonização os municípios de São Carlos, Saudades e Pinhalzinho. Do rio Barra Grande até o rio São Domingos, no atual município de Palmitos, as terras foram demarcadas para os alemães evangélicos; e do rio São Domingos em diante até o rio Iracema, localizar-se-iam os de origem italiana, que deram origem a Caibi. Finalmente, a área localizada entre os rio São Domingos e Antas passou a ser ocupada pelos teuto-russos evangélicos, originando o município de Riqueza. Já os teuto-russos católicos ocuparam uma parte da área reservada aos alemães católicos. Como o fluxo de italianos era maior do previsto, algumas seções próximas ao rio São Domingos, inicialmente destinadas aos alemães evangélicos, foram ocupadas pelos descendentes de italianos. Esta divisão ainda está caracterizada nos dias de hoje. Os municípios de Saudades e São Carlos, por exemplo, são basicamente formados por alemães católicos e Caibi por italianos. Já Palmitos é dividido entre alemães evangélicos e italianos, dependendo da região. (WERLANG, 2017, p.22).

Quem não era da etnia ou religião hegemônica em determinada região não podia comprar terras lá, a não ser que tentasse comprar através de terceiros. A religiosidade por sua vez era um aspecto central, tanto para a Companhia, quanto para os imigrantes que ocupavam a região. O autor relata que os alemães se preocupavam com a educação, mais do que os italianos e também apresenta relatos que revelam que os alemães pagavam melhor seus professores. Neste aspecto podemos constatar que havia uma divisão territorial baseada em diferenças étnicas e religiosas de dois grupos que se identificam de formas distintas, sendo eles alemães e italianos. Dentro destes grupos existem também subgrupos de diferentes orientações religiosas e, portanto, ocupam diferentes espaços territoriais. Enfatizo o trecho em que Werlang relata que esta divisão ainda é característica dos dias atuais.

Um exemplo desta característica de divisão territorial baseada nas diferenças étnicas nos dias atuais é a cidade de Cunhataí, localizada no oeste catarinense próximo aos municípios de São Carlos e Saudades, distante certa de 80km da cidade de Chapecó. No Censo do IBGE (2010), o município aparece como a cidade mais branca do Brasil. Sua população é 97,94% branca e apenas 2,06% da população se declarou parda, não havendo nenhum registro de pretos. Esta população aparece ainda no senso como sendo de religião predominantemente católica e uma pequena parcela evangélica. Há a predominância da divisão ilustrada pelo trecho citado acima, tanto nas características étnicas da população quanto nas questões religiosas. O que demonstra uma forte identificação dos indivíduos com determinadas crenças e valores cultivados até os dias atuais.

De acordo com Eli Maria Bellani (1998) o atual Estado de Santa Catarina e seu território começou a ser ocupado no período pós Guerra do Contestado (1916), através dos 'pioneiros' e 'desbravadores'. Muitos imigrantes também vieram motivados pela extração da madeira. A autora menciona o município de Chapecó, o qual foi 'desbravado' em virtude da presença de empresas colonizadoras. Muitos distritos foram criados a partir deste período, formando mais de 62 municípios.

Até os dias atuais os nomes das famílias e seus legados permanecem no histórico das cidades do oeste catarinense, os coronéis que 'desbravaram' a região, os indígenas que aqui antes habitavam e foram expulsos e marginalizados, os caboclos que passaram por processos semelhantes aos indígenas e posteriormente os imigrantes de descendência alemã, italiana e polonesa que vieram povoar a região movidos por promessas do governo brasileiro. Constituíram-se desta forma relações de poder marcadas pela posição social, econômica e política das pessoas. Os municípios do oeste catarinense eram dirigidos pelos que tinham maior poder aquisitivo e político da região, os chamados 'coronéis'.

A história do Oeste Catarinense e conseqüentemente a história da cidade de Concórdia foi construída, por um determinado grupo hegemônico branco que se utilizou de sua relação de poder e privilégio para contar a sua versão da história. O município de Concórdia possui uma extensão territorial de praticamente 800 Km², sua economia está centralizada na agroindústria e atividades ligadas com a agricultura. Atualmente o município consta com 73.206 habitantes, segundo o Datapedia (2017), que tem como fonte o Censo do IBGE de 2010. A população se divide em 0,49% amarela (338 habitantes), 85,80% de branca (58.876 habitantes), 0,09% indígena (59 habitantes), 10,93% parda (7.501 habitantes) e 2,69% preta (1.847 habitantes).

Acerca da história do município podemos observar que o grupo de imigrantes que vieram para colonizar o território, dizimaram e marginalizaram a existência dos indígenas e caboclos que ali residiam, atribuindo a eles uma visão de atrasados, preguiçosos e não civilizados. A construção deste imaginário permanece na história oficial e na construção identitária da população.

No próprio site da prefeitura de Concórdia podemos encontrar a descrição da história do município pautada no desbravamento, no mito do colonizador que traz o progresso ao município, o trabalho e as virtudes dos imigrantes europeus que vem

povoar a região. A visão do desenvolvimento trazido pelos colonizadores é o que preconiza o início do município de Concórdia e boa parte dos municípios do Oeste Catarinense. Há 83 anos atrás já se falava, desde a fundação de Concórdia, sobre prosperidade na nova comunidade, sobre o progresso que recaia sobre a nova colônia e sobre o sentimento de orgulho e de esperança dos que participaram no trabalho e no desenvolvimento de Concórdia.

Este sentimento ligado ao trabalho e aos valores do colonizador estão marcados até hoje na cultura da população local, sejam em seus símbolos, atitudes e discursos. Desde sua fundação, Concórdia já experimentava as relações de poder entre uma população imigrante europeia e majoritariamente branca e a população indígena que ali residia, bem como os caboclos. O nome da cidade vem de um acordo firmado entre os colonizadores e os caboclos que estavam em conflito, como evidencia-se no relato:

Naquele ano, depois de muitos conflitos envolvendo demarcação de terras entre colonizadores e caboclos, houve um acordo mediado por Victor Kurudz. Esse acordo passou a simbolizar a harmonia entre jagunços coordenados por José Fabrício das Neves e a *Brasil Development and Colonization Company* e foi selado com uma frase que ficou na história do futuro município: "Diante do que acabamos de combinar, do que acabamos de concordar, este lugar passa a ter o nome de Concórdia". Outro fato que motivou a mudança do nome da vila (Vila Queimados) foi por este exercer uma força psicológica negativa muito forte sobre os moradores, devido às lendas contadas na região. Contavam que o nome havia sido dado devido ao rio, que cortava a vila, funcionar como depósito de caboclos mortos que eram queimados antes de serem jogados em suas águas. Para outros, eram os cadáveres de caboclos abandonados, sem famílias, após lutas entre grupos rivais e queimados vivos a mando de José Fabrício das Neves. Firmado este acordo de paz, apenas o nome do riacho que cortava a vila manteve a denominação de Queimados, pertencendo até os dias de hoje. (PREFEITURA DE CONCÓRDIA, 2017).

Neste período vários discursos eram criados para proteger determinados grupos e para afastar outros, neste momento de constante disputa vários estigmas eram criados em torno da imagem de determinados grupos. A ideia de país que era construída também atingia as cidades permeada pela expansão do capitalismo. Deste modo, atingia diretamente as concepções sobre o trabalho da população. "[...] as práticas de trabalho especialmente dos grupos que ocuparam as terras em períodos anteriores à colonização, eram vistas com menosprezo e consideradas

arcaicas e atrasadas. Eram normalmente colocadas em contraposição às dos colonizadores, considerados civilizados, ordeiros e progressistas.” (RADIN, 2009, p.36). Neste período foram construídas representações de um Brasil e de um Oeste de Santa Catarina que perpetua até o momento presente, inclusive na cidade de Concórdia.

A autora Arlene Renk (2000) dirá que estas oposições são uma construção dos *colonos de origem*¹, justamente para marcar uma situação de diferença/oposição em relação aos caboclos/brasileiros. A construção da identidade destes indivíduos foi extremamente marcada pelos dualismos e construções representativas pautadas na ideia do processo de colonização. O processo de colonização do oeste catarinense e de suas cidades foi muito mais do que uma ocupação territorial, foi um longo processo de modificação econômica, de disputas e divergências entre grupos, rupturas nas visões de mundo dos indivíduos que disputaram estes espaços.

A colonização foi sem dúvida um processo de expropriação, como trata a autora Arlene Renk (1991). Para além da expropriação de terras, gerou uma inferiorização e negação da maneira como viviam os caboclos e indígenas. Houve a imposição de uma concepção de ver o trabalho e de se trabalhar, estabeleciam-se novas relações de poder. E nesta disputa sobre categorias e identidades formavam-se estigmas sobre alguns indivíduos. Os *colonos de origem* contribuíam juntamente com o processo de colonização para romper e destituir a organização de vida dos caboclos e indígenas que habitavam estes locais até então. Quem não se adaptava era marginalizado e estigmatizado por não se adaptar às mudanças. Isto tudo contribuiu para criação de um discurso progressista no qual o oeste catarinense só se desenvolveu e progrediu em virtude da presença dos imigrantes, dos *colonos de origem*, que modificaram o uso da terra, dos bens e das relações de comércio. Isto também determinou os lugares que os indivíduos ocupavam nas relações sociais, de trabalho e na sociedade, reconfigurando as relações de poder.

Estas novas relações de poder se configuram a partir do momento em que se reconfigura também o trabalho. O trabalho que até então era em pequena escala, para subsistência dos caboclos e indígenas, passa a ser assalariado. Com a colonização e

¹ De origem é uma categoria nativa utilizada pelos descendentes de europeus, principalmente entre os agricultores, para marcar sua distintividade. (RENK, 2000).

expropriação de suas terras, estes indivíduos se veem obrigados a aderir as novas atividades. Segundo Arlene Renk (1991) para eles ficam designados os ofícios mais baixos na hierarquia de trabalhos, como o extrativismo e outras atividades laborais que ficam conhecidas como “coisa de caboclo”. A partir da colonização Arlene evidencia que o oeste catarinense passou a ser dividido, entre os brasileiros e os de *origem*.

Segundo a autora os caboclos/brasileiros que eram os donos das terras até antes do processo de colonização passam a sofrer estigmas e ocupar um lugar marginalizado na hierarquia social, um exemplo disto é a citação “Uma forma extrema para a acusação ou estigmatização é a identificação de negro, independente de traços diacríticos. A expressão comum, entre os de origem, no caso os italianos, para designação aos sem origem é a seguinte: “cani, negri e corvi, tutti compagni (cachorros, negros e corvos, todos iguais)”. (RENK, 1991 p.39)”.

Estes estigmas e as categorizações criadas pelos *colonos de origem* ferem a identidade social destes grupos, criando uma identidade negativa acerca destes indivíduos. Em resposta a isto Arlene Renk (1991) apresenta que o grupo estigmatizado irá criar uma categoria de estigma para os *colonos de origem*, identificando-os como *gringos*. Em meio às disputas de terra, às disputas de significados e de poder é que se encontram o processo de colonização e de desenvolvimento do oeste de Santa Catarina.

Estas disputas também se dão em torno do significado de trabalho, do que é trabalho, das hierarquias que se criam dentro das atividades laborais. A maneira com que os índios e caboclos utilizavam as terras antes do processo de colonização entrou em um tenso choque com a realidade apresentada pelos novos moradores. A produção agrícola que até então era para subsistência passou a ser para comércio, o uso das terras que era delimitado ao que fosse necessário passou a ser utilizada pensando na produtividade em larga escala, as trocas que eram entre mercadorias também passaram a ser feitas pela moeda. Com o comércio das terras da região e povoamento dos recém-chegados imigrantes descendentes de europeus, a noção de propriedade também foi modificada. A terra não era vista pelos indígenas e caboclos como propriedade, eles tinham uma ligação de respeito e necessidade, já a noção da terra para os imigrantes é de propriedade e produtividade.

Para os imigrantes e para o governo guardiões desta concepção, os demais que não veem as coisas deste modo passam a ser considerados vagabundos, pessoas que não querem trabalhar, atrasados no tempo. Desta maneira, o povo imigrante (descendentes de europeus) ficou sendo conhecido como um povo cheio de virtudes, virtude do trabalho, do progresso, do avanço capitalista. Já os brasileiros/caboclos passaram a ser estigmatizados por não compartilharem dos mesmos valores e cultura. Quanto a divisão do trabalho nesta reconfiguração, a autora Arlene Renk (2000), irá mencionar que em virtude do avanço do processo de industrialização, capitalização e produção em grande escala os imigrantes ficaram a cargo das funções geralmente desenvolvidas na cidade. Os caboclos por sua vez serão de certo modo marginalizados as áreas rurais, outros caboclos serão capatazes nas propriedades dos imigrantes alemães e italianos, ou tarefeiros nas colheitas das propriedades destes.

Arlene Renk (1991) menciona em seu trabalho que inicialmente os colonos/brasileiros produziam porcos e gado para consumo da família e nos períodos de entressafra da erva-mate. Com a chegada dos *colonos de origem* e consequentemente a ocupação das terras e o desenvolvimento da industrialização, criaram-se frigoríficos e a produção destes animais aumentou. Segundo a autora, os animais criados livremente pelos colonos/brasileiros incomodavam muito os *colonos de origem*, que taxavam aquela prática de primitiva. Relata-se ainda que os *colonos de origem* se “fizeram” através da criação de animais para indústria.

Eram grandes os conflitos de interesses entre brasileiros/caboclos e indígenas com os imigrantes autodenominados *colonos de origem*. Para os *colonos de origem* as ações governamentais e das Companhias de colonização eram legítimas, portanto, a desapropriação dos até então ocupantes daquele território era legítima pois eles não haviam pago pelas terras. Em virtude de os *colonos de origem* terem adquirido as terras havia uma noção muito mais intensa sobre o conceito de propriedade. Deste modo, a “inutilização” através das práticas “primitivas” dos brasileiros/caboclos de suas terras era vista como preguiça, falta de vontade de trabalhar e dentre outros estigmas criados por este grupo para se diferenciarem.

Para os brasileiros/caboclos por sua vez, a terra “[...] não era vista como mercadoria, nem como patrimônio moral análogo ao dos *colonos de origem*.” (RENK,

1991, p.46). As terras pertenciam a todos, havia muita terra para todos e o comércio de terras ainda era inexistente, bem como a noção de propriedade. Nos relatos apresentados por Arlene Renk (1991), os brasileiros/caboclos irão enfatizar que os imigrantes, o Estado e as Companhias é que trouxeram a ganância e a escassez da terra, fazendo com que os que ali habitavam fossem expulsos. “Internamente, por ocasião da colonização, a partir dos brasileiros, os dois grupos são assim apresentados; de um lado, os brasileiros: “nós” “o povo”, apresentado como “bobo”. De outro lado, “eles”, os “gringos”, que gringos chegam “espertos”, “ativos” e “soltos”.” (RENK, 1991, p. 51).

A partir destas relações de poder delimitadas pelo contexto da colonização, os brasileiros/caboclos expropriados foram buscar terras remotas e acidentadas que não eram de interesse do Estado e das companhias, sendo que parcela destes foram procurar empregos nas ervateiras, indústrias ou madeireiras que estavam em expansão na época. “A ação da colonizadora sobre o grupo de brasileiros pode ser entendida de dois modos. Uma modalidade de constatá-la é a expropriação apresentada. Outra maneira é a ação indireta. Os italianos, ocupando atualmente as posições dominantes no espaço social, tentam o enquadramento dessa população “diferente” nos campos religioso, sanitário e escolar.” (RENK, 1991, p. 52). Um exemplo relatado é que os brasileiros/caboclos ficavam indignados pelo fato de milho ser processado em farinha e a inserção da polenta, comida de *colono de origem* em substituição a quirera feita por eles. Tudo foi modificado, os produtos utilizados nas plantações, a educação, as comidas típicas e até mesmo os hábitos de higiene sofreram mudanças com a presença dos imigrantes.

Desta maneira e através deste processo de colonização o oeste catarinense se constituiu como um lugar de branco. O Oeste Catarinense tem como referência a visão de mundo de imigrantes brancos, que estereotiparam caboclos e indígenas. A posição ocupada pelo branco nas relações raciais se tornou um modelo padrão, bem com o seus costumes, crenças e cultura. “O período era de construção de identidade e idealizações de uma nação modernizadora e progressista, na qual os costumes dos povos locais eram divergentes do projeto modernizador.” (OLIVEIRA, p.21, 2017). A desigualdade racial foi um dos aspectos mais marcantes da colonização do oeste catarinense, como sua consequência tivemos um violento processo de dizimação e marginalização da população não branca, processo este que perpetua no momento

atual. E para compreender como o estado de Santa Catarina se constituiu enquanto um lugar de branco é necessário adentrar nos discursos e imaginário acerca de brancos e não brancos.

2.2 NEGROS E BRANCOS NO IMAGINÁRIO E DISCURSO EM TORNO DE SANTA CATARINA

Fatos como o processo de branqueamento estimulado pelo estado Brasileiro, com o incentivo à imigração italiana e alemã para a região oeste catarinense, contribuíram para que a população se declare majoritariamente branca nos últimos censos. Os estados do sul do Brasil têm se identificado historicamente como estados brancos, portanto, e torna necessário discutir o apagamento da presença do negro no sul do Brasil.

O acervo historiográfico de Santa Catarina e do Brasil no geral torna invisível a presença negra, sua memória e preservação. Esta narrativa que contribui para o apagamento da presença negra no sul – Oeste Catarinense – e no Brasil como um todo, está pautada principalmente sobre as teorias racistas do século XIX – tal qual, o determinismo biológico e geográfico, por exemplo – bem como na falsa democracia racial instituída após a abolição da escravidão com a tentativa de suavizar as relações raciais e de discriminação, criando um imaginário de Brasil enquanto um país acolhedor de todas as etnias e miscigenado.

Em seu artigo o professor Paulino de Jesus Francisco Cardoso (2010) com base em alguns estudos relatou o desembarque de cativos nos meados de 1799, mais de mil africanos abarcaram no litoral de Santa Catarina. O professor Paulino Cardoso relata a dificuldade em resgatar as informações historiográficas capazes de comprovar a existência da população negra no litoral e em toda Santa Catarina. Os registros oficiais apresentam uma história que compõe o imaginário da branquitude como predominante e única, o apagamento das memórias da população negra torna-se desta forma, institucionalizado. Processo este que irá ser revertido apenas nos dias atuais, tardia e lentamente, causando prejuízos imensuráveis no imaginário e na identidade da população negra.

A autora Leite (1996) menciona que por volta de 1814 mais de 29% da população do Rio Grande do Sul era formada por escravos. A autora enfatiza o processo de exclusão da figura do negro e do indígena na história do Sul do Brasil, mesmo os negros tendo participado majoritariamente de eventos importantes como a Revolução Farroupilha. A mestiçagem, o mito da democracia racial e a construção de uma identidade nacional brasileira excluía completamente as memórias históricas da presença indígena e negra na maior parte dos acervos encontrados. Entretanto, é importante enfatizar que o estado de Santa Catarina constrói sua identidade regional pautada especialmente no processo de colonização do estado. Processo este que confere ao estado uma identidade de estado branco e o conseqüente apaga a presença negra. Diferentemente da identidade nacional, que exclui e subalterniza os negros, mas não caracteriza o apagamento como no caso de Santa Catarina.

A autora Ilka Boaventura Leite (1996) por sua vez, chama a atenção para o dado do Censo de 1980, cerca de 91,44% da população de Santa Catarina se auto declara branca, sendo um dos estados com menor percentual de negros do Brasil demonstrando uma construção de um imaginário em torno do estado de Santa Catarina como branco, imigrante e europeu. Um reforço para o projeto de branqueamento.

Uma das contribuições e reflexões de Ilka Boaventura Leite (1996) neste texto é a problematização da invisibilização dos negros no sul do Brasil, como um mecanismo denominado por ela de “dispositivo de negação do Outro” (p.41). Entende-se que no Brasil após a abolição da escravidão, a invisibilização histórica e cultural dos negros foi um mecanismo de poder que tinha como finalidade manter estes indivíduos fora das relações e posições de prestígio e privilégio. Não era permitida assim, uma nova condição e a construção de outra configuração social pois eles ainda eram vistos como inferiores. Estes e outros mecanismos se tornaram produtores e reprodutores das mais diversas facetas do racismo.

Embora na historiografia de Santa Catarina a ausência de uma economia exportadora seja relacionada com a “ausência” de africanos – escravizados na época e conseqüentemente mão de obra para esta atividade – , Leite (p.45, 1996) menciona relatos de viajantes que afirmam haver uma população de até 30% de escravos, entre a população indígena e negra em Santa Catarina nos meados de 1770 a 1810. Ou

seja, a ausência de uma economia exportadora não estava relacionada com a inexistência de africanos em Santa Catarina. Leite (1996) irá recuperar inclusive a participação de negros no processo de ocupação de Santa Catarina, e posteriormente nas atividades de construção, atividades agrícolas, no ramo de comércio e pesca; com importância especial nas armações baleeiras.

Todo o resgate histórico realizado e a problematização da invisibilidade do negro no sul do Brasil, irá nos remeter ao contexto ao apagamento e a invisibilidade deste grupo está diretamente ligada ao racismo e as relações de desigualdade racial produzidas na atualidade. Deste modo, nos questionamos acerca de como os imigrantes haitianos são recebidos neste contexto? E também, como eles estão inseridos e estão sendo recebidos em um lugar que se caracteriza por ser um estado branco e que tem por característica o apagamento da presença negra.

No que diz respeito a mídia relatando a vinda dos imigrantes haitianos verificamos dentro de uma análise realizada em um projeto no ano de 2017², que a presença começa a ser repercutida no oeste catarinense por volta do ano de 2016. Embora o período de imigração mais intenso desse grupo tenha sido noticiado no ano de 2012, as notícias no oeste catarinense remontam as datas do ano de 2016, onde a economia brasileira enfrentava um período de crise e a saída dos imigrantes haitianos para outros países já era relatada como alternativa.

O Brasil e o estado de Santa Catarina irão aparecer como uma alternativa de destino principalmente pela oferta de trabalho, e claro, a ausência da burocracia para entrada como é encontrado em outros países. Entretanto, a vinda para o Brasil acaba frustrando as expectativas de muitos imigrantes “As duras condições da viagem, as ameaças constantes dos coiotes, a espera pelos documentos já no Brasil, as dificuldades de emprego e de salário e a discriminação racial e social no Brasil são algumas das principais dificuldades que formam o mosaico de um país que não acolhe dignamente os imigrantes haitianos.” (MAGALHÃES, 2015, p.31)

A presença dos imigrantes haitianos no estado provocou em primeiro momento estranheza da população, demonstrando que as categorias de cor/raça têm uma profunda relação com o imaginário, discurso e identificação da população de Santa

² Negritude e Branquitude uma análise da integração haitiana no oeste de Santa Catarina.

Catarina, mais especificamente no oeste do estado. Um relato deste estranhamento aparece na monografia de Taíse Staudt (2018, p.43):

Aconteceram coisas que foram bem estranhas pra mim. Quando eu fui lá no supermercado as pessoas ficam olhando pra mim. Inclusive, teve uma vez que eu fui lá no Brasão Avenida e quando eu estava passando e pagando minhas compras e moça que estava no caixa me atendendo ficou me olhando e disse alguma coisa. Como eu não entendia português ainda, meu amigo me disse que ela tinha pedido para tocar no meu rosto. Eu não estava entendendo nada, mas depois eu disse que sim, que ela poderia tocar. Ela tocou e disse: “ai meu deus do céu, que macia”, e chamou mais pessoas para me ver, dizendo que eu era linda e minha pele macia. Eu só me perguntava: “mas o que é isso gente?”. (MARIE DIVERS, 2018)

O grupo de imigrantes haitianos recém-chegado ao Brasil, nas cidades do oeste sofre com a discriminação racial e desigualdades promovida pelos brasileiros. Essa hegemonia construída a partir da branquitude faz com que eles sejam submetidos a a ocuparem determinadas posições sociais, nas suas relações de sociabilidade e trabalho. “Se por um lado a cor dos haitianos significou um “baque”, a origem europeia, a branquitude, é apresentada com um solo de virtudes [...]” (OLIVEIRA, 2017, p.50). Demonstrando que as relações de poder são estabelecidas pelos privilégios raciais da branquitude.

Ou seja, a presença desse novo grupo de indivíduos faz com que o grupo branco se reafirme em sua posição de poder. Estes imigrantes, que carregam a negritude em seus corpos sofrem ao adentrarem em um espaço geográfico no qual eles são racializados e subalternizados constantemente. No trabalho de Neuri Andreola (2015) há relatos de que os imigrantes foram recebidos com as seguintes concepções por parte dos moradores de Chapecó “Os moradores estrangeiros são considerados pelos brasileiros como pessoas que são economicamente e socialmente inferiores, por virem de lugares que tem problemas sociais e estruturais, e dentro do universo da classificação capitalista, serem países subdesenvolvidos.” (p.52).

É nesta disputa de significados que está imersa a vida do imigrante haitiano que vem ao Brasil, e em especial ao Oeste de Santa Catarina. É fundamental neste contexto considerar o ideal europeu de branqueamento construído na região, tal qual são evidenciados pela pesquisadora Claudete Soares e Neuri Andreola:

Por serem negros, tornam-se de imediato imigrantes indesejáveis na terra que construiu a sua história supervalorizando a presença imigrante. É essa relação de poder, com base nos significados atribuídos à raça, que faz com que sejam constantemente nominados como “eles”. (ANDREOLA; SOARES, 2018)

Esta supervalorização do imigrante branco e de descendência europeia, bem como a exaltação de sua participação na construção do imaginário, identidade e da economia de Santa Catarina é exatamente o que verificamos nos comentários do vídeo³ onde Marie Merlande Divers relata os episódios de racismo sofridos no Brasil, especificamente em Chapecó no Oeste de Santa Catarina. A entrevistada contrapõe a ideia propagada pela mídia internacional que retrata o Brasil como o país do futebol, do carnaval e que tem uma população negra com a realidade que ela encontra ao chegar no estado de Santa Catarina.

Ao chegar em Chapecó ela se questionou se a cidade também fazia parte do Brasil, em virtude de a população ser majoritariamente branca. Esta expectativa é criada pelos meios de comunicação e apontada pelo autor Tobias Metzner (2014)⁴ no seguinte trecho: “Se destaca que hay poca información objetiva al alcance de los migrantes haitianos. La mayor parte de la misma, en cuanto a las condiciones de vida en Brasil provienen de los retratos que hacen los medios masivos de comunicación” (p.15). Desta maneira, podemos identificar que a história construída do oeste catarinense emerge de processos históricos de disputa e relações de poder. O “desbravamento”, bem como, a expulsão e dizimação constituíram discursos de identidade e um imaginário em torno do estado de Santa Catarina e seus habitantes.

Este é o contexto em que os imigrantes haitianos são recebidos, um estado construído a partir de um discurso e na formação de um imaginário consolidado em torno da branquitude que é historicamente privilegiada e ocupa posições de prestígio. Portanto, estes indivíduos passam a ser racializados e subalternizados constantemente nesta realidade. A supervalorização do imigrante branco constitui um

³ “Ser imigrante e negra no sul do Brasil” produzido pelo NEABI-Núcleo de Estudos Afro descentes e Indígenas da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó, postado em Março de 2017 e que possui mais de 31 mil visualizações.

⁴ La migración haitiana hacia Brasil: estudio en el país de origen. IN: Cuadernos Migratorios N° 6, La migración haitiana hacia Brasil: Características, oportunidades y desafíos. Janeiro de 2014.

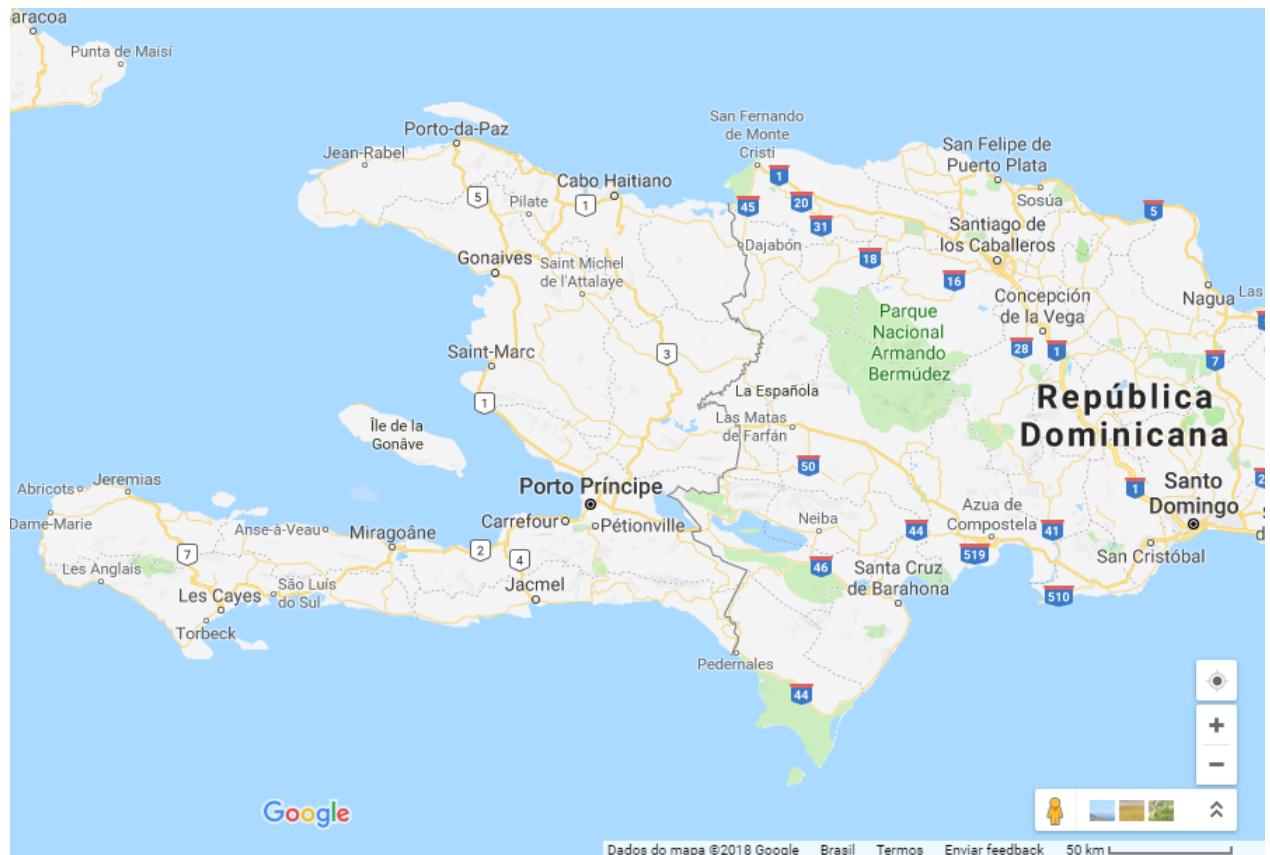
imaginário e uma identidade na qual a negritude destes imigrantes, fará com que enfrentem inúmeras desigualdades e discriminações.

3 A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA SANTA CATARINA: A EXPERIÊNCIA DE CONCÓRDIA.

3.1 ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS DA IMIGRAÇÃO HAITIANA

É fundamental para compreender a imigração Haitiana, adentrar na história do Haiti. Pois as condições históricas, econômicas e sociais do país se constituem como fatores de influência no processo e os fluxos de migratórios que caracterizam o país. Afinal, não é possível falar sobre quais motivos trouxeram a presença haitiana em Santa Catarina e na cidade de Concórdia, sem conhecer de onde vieram estes indivíduos e em que realidade histórica estavam inseridos.

Mapa 1 - Haiti



Fonte: Google Maps (2018).

O Haiti está localizado em uma ilha, entre América do Sul e América do Norte. A ilha era disputada inicialmente entre Espanha e França, mais tarde sendo dividida por estes dois países e originando o Haiti e a República Dominicana. A Ilha possuía uma localização geográfica estrategicamente favorável, bem com um solo fértil e rico para agricultura. Para a exploração de seus recursos naturais e da produção de bens de consumo de alto valor, como o açúcar, o projeto colonizador lançou mão de obra escrava que esteve fortemente presente durante o processo de colonização do Haiti.

Joseph Handerson (2010) em sua tese, destaca a presença dos espanhóis e franceses na ilha, o processo de colonização, dizimação dos indígenas e nativos da época, bem como introdução do cristianismo e outras crenças eurocêntricas. Assim como o Brasil, o Haiti passou por uma forte influência europeia externa e violenta. Foi fundado na presença da força de trabalho Africana escravizada, nas plantações de café e açúcar e o tráfico negreiro praticado pelos franceses e espanhóis.

O processo de descolonização haitiana surgiu com a influência da Revolução Francesa (1789) que se espalhava por todas as Américas. “Cabe salientar que, na véspera da Revolução Francesa, a colônia era a mais próspera de todas as demais nas Américas e representava mais de um terço do comércio exterior da França.” (HANDERSON, p.49, 2010). Inspirados por ideias iluministas espelhadas na Revolução Francesa, a Revolução Haitiana (1791) também foi inspirada pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão em busca da abolição da escravidão.

A Revolução Haitiana como movimento antiescravagista e iniciativa histórica, contribuiu diretamente para a Revolução Francesa dar um passo para frente, ou seja, aplicar na colônia o que estava escrito na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, princípios universalistas esquecidos ou violados pelos próprios colonizadores [...] (HANDERSON, p.52, 2010).

Neste processo de ruptura com a colonização e principalmente com a escravidão, o Haiti teve suma importância, pois a partir da sua Independência e Revolução em outros países da América começaram a emergir figuras revolucionárias em prol da abolição e da garantia dos Direitos fundamentais. O Haiti foi pioneiro na abolição da escravidão e outros fatos que marcaram sua história, como a expulsão dos brancos por Dessalines e por ser caracterizada como uma nação ex-colônia e ex-escrava. O país passou por um processo intenso de reconstituição e afirmação de sua cultura e identidade.

Após a Independência do Haiti, vários conflitos internos permaneceram e novos surgiram. O principal conflito entre negros e mulatos permanecia, e com a instauração de conflitos políticos e econômicos os Estados Unidos interviu militarmente no ano de 1915-1934. A importação e exportação que vigoravam no período colonial e foram substituídos pela subsistência, voltaram a vigorar com a intervenção fazendo emergir novamente classes favorecidas.

A história do Haiti é marcada por muitos períodos ditatoriais, conflitos revolucionários e principalmente por intervenções internacionais. Handerson (2010) enfatiza o forte impacto da Revolução Haitiana frente às sociedades escravocratas das Américas, justamente por se caracterizar como a primeira revolução bem-

sucedida na derrota contra o colonialismo e abolição da escravidão. Também podemos problematizar o interesse externo de outros países frente ao Haiti e suas riquezas expropriadas. Economicamente o país encontra-se em uma situação frágil e é preciso considerar suas experiências com desastres naturais nos últimos anos. O que não podemos esquecer sobre a história do Haiti, é seu protagonismo frente as revoltas que o tornaram um dos primeiros países decoloniais das Américas, com o qual temos muitos aprendizados a serem compartilhados.

Deste modo, é necessário considerar o passado colonial e todo processo da revolução haitiana no contexto de imigração. A história do Haiti possui um vínculo profundo com os fluxos de saída de haitianos do país. Em virtude dos diversos tipos de regimes e influências que o país passou, podemos verificar historicamente diferentes fluxos migratórios. Já a figura do imigrante no período pós-colonial, mas também nos dias atuais é reconhecida segundo Sayad (1979) como um lugar durável, ou seja, numa condição que poderia permanecer, figura reconhecida principalmente pela utilidade econômica e social. Sendo assim, na história do Haiti é imprescindível compreender os primeiros fluxos de saída e suas relações também os fluxos atuais da modernidade.

Joseph Handerson (2015) irá considerar em sua tese que o primeiro grande movimento de mobilidade migratória haitiana foi forçada, por intermédio do comércio transatlântico de escravos para o Haiti e do Haiti para o restante das Américas. O autor divide os ciclos de migração em quatro grandes fluxos. É importante considerar que os desdobramentos do processo de independência do Haiti crises políticas e econômicas também foram grandes agentes motivadores de saída do país caribenho nestes ciclos e tem sido até os dias atuais.

Para o autor o primeiro grande fluxo de migração haitiana ocorreu quando as forças armadas americanas ocuparam o Haiti (1915-1943) e a República Dominicana (1912-1924), fazendo com que muitos migrassem para Cuba e Caribe. O segundo fluxo ocorreu entre 1960 e 1970, o Haiti encontrava-se em um regime ditatorial de François Duvalier e vários haitianos imigraram para os Estados Unidos da América, Senegal e República do Congo também foram destinos deste segundo movimento. Em ambos, no primeiro e segundo grande fluxo os imigrantes caracterizam a ocupação de trabalhos onde há carência na mão de obra, atuando principalmente em

plantações de cana de açúcar – item de larga exportação na época –. O terceiro período é caracterizado pelo golpe de Estado e deportação do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, neste período muitos vistos de haitianos foram negados. A saída levava a migrar em sua maioria para países como Guantánamo, Cuba, República Dominicana e outros, como refugiados. Abaixo apresento um quadro síntese dos fluxos descritos por Handerson (2015) em sua tese:

Quadro 1 - Os quatro grandes fluxos de migrações segundo Joseph Handerson

FLUXO	MOTIVAÇÕES	PARA ONDE MIGRARAM OS HAITIANOS
Primeiro fluxo (1915-1950)	Forçar armadas Americanas ocupam o Haiti	Migram para Cuba, Caribe e República Dominicana.
Segundo fluxo (1950-1980)	Obrigatoriedade do inglês nas escolas Presença de igrejas protestantes Migração para os EUA pra estudar Neste período configurava o regime ditatorial de François Duvalier (1957-1971)	Migraram para Diversos estados dos EUA e para alguns países Africanos: Boston, Chicago, Miami, Montreal e Quebec; Senegal, Benin e República do Congo.
Terceiro fluxo (1990)	Golpe de estado na metade da década de 1990 Deportação do ex-Presidente Jean-Bertrand Aristide	República Dominicana Guantánamo Cuba EUA Guiana Francesa Bahamas Guadalupe.
Quarto fluxo (2010)	Teve inicio em 2010 por questões políticas, públicas, socioeconômicas, alimentícia, educacional e saúde + Agravamentos destas situações com o terremoto	Tríplice Fronteira Brasil: Colômbia e Peru; Suriname Guiana Francesa Equador Chile Venezuela Argentina.

Fonte: Elaborado pela autora. (2018)

O ciclo atual e mais relevante neste estudo é o denominado por Handerson (2015), como quarto fluxo de imigração que tem início a partir de 2010. O autor caracteriza este movimento a partir das influências e inseguranças política;

socioeconômica; alimentícia; educacional; no saneamento básico e na saúde. Estes quadros resultam dos longos processos de crises econômicas, políticas e de desastres naturais que permeiam a história do Haiti.

Todo este contexto foi agravado após o terremoto de janeiro de 2010. O desastre natural atingiu os seguintes locais segundo Omar Ribeiro Thomaz (2010), “os grandes terremotos que atingiram de forma particularmente violenta Porto Príncipe, Pétionville, Léogâne, Petit-Goâve, Grand-Goâve e Jacmel no dia 12 de janeiro de 2010.” (p. 24). O autor enfatizou em sua etnografia que uma imensa nuvem de poeira tomou conta do ar naquele dia, as estradas estavam obstruídas pelas moradias que viraram ruínas, os carros estavam abandonados e havia corpos em todos os lugares. Nem todos as pessoas puderam reconhecer e enterrar seus familiares, a ajuda humanitária e as missões não prestavam o auxílio necessário. O contexto de abandono e desespero se caracterizou como um forte motivador de fluxos de imigração. A mobilidade dos imigrantes haitianos veio a constituir, portanto, um quarto fluxo em virtude de seu crescimento exponencial de saída para novos fluxos internacionais.

Um de meus entrevistados, Santiago, relata que depois do terremoto as empresas quebraram, não havia nenhum suporte, a população ficou sem nada. A falta de empregos no Haiti e as condições precárias levaram ele a imigrar para o Brasil, para buscar um emprego e ajudar a família. Ele saiu do Haiti movido pela crise econômica, política e pela ausência de amparo pós terremoto que causou sérios prejuízos nas condições de vida das pessoas. Neste contexto os imigrantes que vieram para o Brasil ajudam suas famílias que ficaram no Haiti, mandando dinheiro ou trabalhando para conseguir trazê-los para o Brasil também.

A principal contribuição do autor é a delimitação dos fluxos migratórios, em especial o quarto fluxo que permite compreender a presença dos imigrantes Haitianos no Brasil e no oeste de Santa Catarina. Segundo Handerson (2015), a principal característica da saída dos imigrantes está alicerçada não em um abandono do país e da família; mas sim na expectativa de algo que o país não pode oferecer, tal como, condições básicas de uma melhor subsistência, emprego, condições para estudar e estabilidade.

Tobias Metzner (2014), menciona que há um entendimento propagado entre os imigrantes haitianos de que o Brasil não deporta imigrantes irregulares como em outros países; há oportunidade para trabalho sem mão de obra qualificada e a facilidade de obter visto. Estes são alguns dos principais motivadores de fluxo migratório haitiano para o Brasil. Estes fatores são impulsionados pelas mídias e governo, criando um imaginário e uma expectativa sobre o que irão encontrar quando vierem para o Brasil. Esta expectativa de um país aberto e receptivo aparece nas falas dos entrevistados “O que eu posso dizer sobre o Brasil, eu posso agradecer o povo brasileiro né. Porque eu vi, eu estou continuando a ver, no mundo inteiro o Brasil é um país que tem respeito pelos imigrantes. E quando você vê lá nos Estados Unidos como eles recebem os imigrantes e aqui no Brasil, é muito diferente né.” (RICARDO, 2017)⁵

Com o terremoto de janeiro de 2010 a migração de haitianos para o Brasil aumentou significativamente, até então o Brasil não era um destino muito procurado pelos haitianos. Com a soma de condições facilitadas, com a expectativa de um ‘Brasil aberto’, com a presença do exército brasileiro através da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti; a presença do Brasil na mídia internacional e de um momento de aceleração na economia Brasileira; o Brasil veio a se tornar uma rota interessante para milhares de imigrantes.

Entretanto, a construção da ideia de que o Haiti é consumido pela desgraça e pobreza pós terremoto de 2010 ainda persiste no imaginário das pessoas. É propagado pela mídia a pior versão do Haiti. Há uma constante reclamação dos entrevistados do porque a mídia não mostra as coisas boas do Haiti. Os imigrantes haitianos estão cansados de serem olhados com pena e serem estigmatizados com uma versão da história contada pelos brasileiros, que na maioria das vezes nunca buscam um relato de um imigrante para narrar suas notícias.

Tobias Metzner (2014) traz ainda dados sobre as condições da crise no Haiti, que geraram motivadores para saída em busca de melhores condições de vida. A taxa de desemprego no ano de 2001, por exemplo, chegava a 29,8% na área rural e 58,5% nas áreas urbanas, e no período de dez anos o poder aquisitivo de um salário mínimo decaiu em 56,5%. Para garantir as condições mínimas de sobrevivência de si mesmos

⁵ Entrevista realizada no projeto: Negritude e Branquitude uma análise da integração haitiana no oeste de Santa Catarina.

e de seus familiares, diversos membros de famílias haitianas migram para os Estados Unidos, Canadá, França e o mais novo destino se apresenta como o Brasil. Importante ressaltar que estes são as justificativas de alguns casos, mas que a relação dos haitianos com a imigração é de alta complexidade e envolve inúmeros fatores.

A imigração haitiana é um processo que sofre múltiplas influências, desde a formação histórica do país, marcada pela sua independência, pelas intervenções de países estrangeiros, pelas ditaduras e processos internos violentos de disputa política, sem mencionar a instabilidade econômica a política atrelada ao contexto histórico de desastres naturais que ocorreram simultânea e repetidas vezes. Tobias Metzner (2014) chama atenção para os reflexos do terremoto e do contexto histórico do Haiti no imaginário social da população, cria-se um discurso entre a população de que o terremoto destruiu tudo que havia no país emergindo um sentimento de desesperança. Bem como, relata que o fato de muitas escolas e faculdades terem sido destruídas se constituiu como um impulsionador da saída das populações jovens.

Portanto, em síntese, os principais estimuladores circulam entre a ágil acessibilidade de entrada no Brasil firmada através da Resolução nº 97 de 12 de janeiro de 2012 pelo Conselho Nacional de Imigração (BRASIL, 2012) – que irá facilitar a legalização dos imigrantes haitianos – e pela necessidade de estabilidade financeira e melhores condições de vida. Um outro elemento enfatizado por Handerson (2015), é o que ele identifica como o desejo de ser diáspora.

A noção de diáspora é tratada por Handerson (2015) como um sentimento de identificação, ser diáspora também vai além das questões de mobilidade; a diáspora vem carregada de um significado de status e possibilidades, principalmente no que diz respeito à bens materiais dos sujeitos ‘diásporas’. Estes são reconhecidos como diáspora, seus pertences e conquistas movidos pela migração são considerados diáspora e valorizados, conferindo-lhes prestígio pois ser diáspora é uma condição almejada pela maioria dos haitianos.

Do ponto de vista etnográfico, na categoria prática de diáspora há uma junção de sentidos políticos, econômicos, morais e históricos, relativos à própria “pessoa”. Por exemplo, ela serve como adjetivo para qualificar pessoas: “Diáspora, como você vai?”, Diáspora chegou. A abordagem etnográfica aqui apresentada, é nesse sentido, diferente

das discussões travadas na literatura sobre diáspora(s).
(HANDERSON, 2015, p. 346)

Todos estes significados atribuídos à categoria diáspora sinalizam a importância deste conceito para identidade dos imigrantes haitianos. Apenas o Estado se refere a eles como refugiados ou migrantes através dos aparelhos burocráticos, entre eles o termo continua sendo diáspora – dyaspora – pois constitui um lugar de prestígio, valorização e destaque na comunidade haitiana.

A categoria de diáspora além de ser de uso comum nas relações sociais entre haitianos, possui um reconhecimento institucional do país. Inclusive segundo Handerson (2015) foi criado um Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior, e segundo os dados deste há entre 4 e 5 milhões de haitianos pelo mundo. O autor enfatiza que o termo se popularizou entre os Haitianos na passagem entre o segundo fluxo de imigração para o terceiro fluxo (ver Quadro 1). Historicamente grande parte dos haitianos imigravam para os Estados Unidos neste período, o termo também se tornou uma ferramenta de afirmação identitária e de diferenciação entre os grupos.

A palavra diáspora – dyaspora – vem ainda com a qualidade de adjetivo, na condição de fornecer uma qualidade/um atributo aos que são chamados assim. Mas nem sempre foi tratada desta forma, seu primeiro significado remonta a população Judaica que fugia dos nazistas, carregando uma bagagem histórica de conflitos e por isto foram denominados como Diáspora. Não só a população Judaica, mas também a Chinesa, Africana e Palestina, tal qual aparecem na tese de Handerson (2015).

Stuart Hall (2003) irá tratar em seu livro da diáspora caribenha, onde vários caribenhos foram conduzidos para Grã-Bretanha. A ilha do Caribe teve um processo violento e colonial em sua história, passando pela escravidão e genocídio de sua população. Segundo Hall (2003), isto torna a origem da população Caribenha compostas de diversos povos, e a construção de sua identidade demarcada intensamente com os violentos processos históricos e diaspóricos provenientes destes contextos.

É importante considerar também a saída massiva de africanos por exemplo, através do tráfico negreiro transatlântico. Isto constituiu um movimento forçado extremamente expressivo de diáspora motivado por interesses econômicos e

conflitos. Na época, ser diáspora não era uma escolha, mas sim, um processo violento e desumano ao qual os indivíduos foram sujeitados. Estes indivíduos incorporaram duras facetas nas suas subjetividades, principalmente no que diz respeito a ausência de pertencimento e deslocamento cultural e histórico.

Do ponto de vista conceitual, diáspora se define em conhecer intimamente o lugar, é um limítrofe entre pertencer ao lugar e ao mesmo tempo compartilhar do sentimento que não pertence a nenhum lugar, nem de onde saiu e nem aonde está. É um complexo sentimento de perda envolto na identidade cultural do indivíduo, um sentimento de exílio e de uma relação complexa entre pertencer e não pertencer aos lugares onde esteve e está (Stuart Hall, 2003).

Os seus usos pelos haitianos e haitianas enquadra-se na categoria de adjetivo uma vez que atribui características aos indivíduos. Mas também reflete todo o contexto histórico do país. Relembramos então que a mobilidade, e, portanto, a migração não são um fator recente na história haitiana. A noção de diáspora também não é recente na história transnacional e haitiana, mas seus significados são reinventados e ressignificados com o passar dos anos.

Joseph Handerson (2015) lembra que no contexto haitiano a diáspora se divide nas categorias dos que viajam e na dos que partem. Os que viajam geralmente retornam ao Haiti e tem como fim o comércio e turismo, já os que partem geralmente não voltam ao Haiti: “[...] optam por nunca mais voltar pelas condições sociais precárias, pela falta de oportunidades de estudos e de emprego, pela instabilidade política e insegurança sanitária, socioeconômica e pública.” (p. 361)

Além das experiências individuais e coletivas que ser diáspora proporciona, constitui-se um espaço de integração, por vezes transnacionais. “A mobilidade faz parte da vida cotidiana da pessoa diáspora: ela constitui e vive permanentemente em novos espaços sociais e culturais (HANDERSON, 2015, p.362). E para além das condições de integração e sociabilidade que a mobilidade propicia, criam-se vínculos de dependência econômica do dinheiro diáspora. Há um aporte econômico para a família que fica no Haiti, o indivíduo diáspora manda ajuda financeira e movimenta indiretamente a economia local. Esta relação com o dinheiro também está carregada de significados de status e privilégio. Geralmente expressos através das roupas, linguagem e demais sinais que denotam e classificam o indivíduo como diáspora.

No imaginário haitiano constituiu-se um lugar de status e privilégio em torno da diáspora, e em contraponto também se constitui uma visão sobre o Haiti e os países para qual os Haitianos migram. O consenso construído no imaginário da população é que o Haiti ocupa um lugar de inferioridade em relação aos demais países, em especial pela sua economia. “

Embora no Haiti exista todo um imaginário de inferioridade em torno de quem fica no país e do status de ser diáspora, o diáspora nunca deixa de fato o Haiti. A maioria deles retorna, claro, com a intenção de visitar familiares e de colher os frutos do status de ser diáspora, contando suas vantagens e conquistas. Mas ao mesmo tempo suas raízes e participação no Haiti enquanto cidadão e membro da sua comunidade permanece ativa. O diáspora sempre irá estar presente e ausente ao mesmo tempo, em suas relações com o seu país de origem. “A mobilidade faz parte da condição e da maneira de ser da pessoa diáspora.” (HANDERSON, 2015, p.365) E estas raízes com o Haiti se tornam ainda mais profundas a partir do momento que é um dever social do diáspora buscar um familiar, um parente ou dar condições a este para que se torne diáspora também. Cria-se todo um contexto de características comportamentais, deveres e privilégios de ser diáspora.

Esta mobilidade constante se reproduz através da cultura haitiana, fazendo com que isso se torne o sonho de muitos indivíduos. Ter uma casa diáspora, dinheiro diáspora e até mesmo um relacionamento diáspora, além de configurarem uma posição de status, configuram uma identidade social de grupo e indivíduo. A mobilidade é vista como um passo para conquistar o progresso, seja ele econômico ou social.

O surgimento do Brasil na rota de migração em virtude das condições facilitadas de entrada, bem como o aumento do índice de desemprego no Haiti foram decisivos para presença haitiana em Santa Catarina, e conseqüentemente na cidade de Concórdia-SC. Movidos pelo cultura de mobilidade constante, pelo desejo de ser diáspora e pelas ofertas de emprego localizadas no sul do Brasil é que estes haitianos iram se estabelecer na cidade de Concórdia. Deste modo, torna-se necessário mapear as relações existentes entre os imigrantes e brasileiros, bem como, as expectativas e a realidade encontrada pelos haitianos.

3.2 A VINDA PRA O BRASIL E A CHEGADA NO OESTE CATARINENSE: SONHOS E EXPECTATIVAS

É importante considerar neste movimento de imigrantes haitianos para o Brasil e mais especificamente para Santa Catarina, alguns fatos históricos econômicos e políticos. No que diz respeito às leis de imigração um dos eventos mais importantes ocorridos no Brasil em 2012 foi a aprovação da Resolução nº 97 de 12 de janeiro de 2012 pelo Conselho Nacional de Imigração (BRASIL, 2012). A concessão do visto por razões humanitárias deixa explícito que isto se dá pelas condições de vida da população haitiana no contexto pós terremoto de 2010. Para além do direito universal de liberdade dos indivíduos, em especial neste caso no que tange a mobilidade, existem limitações jurídicas para entrada e permanência de estrangeiros em territórios não pertencentes a sua nacionalidade. Deste modo, podemos classificar que além das razões humanitárias e acordos internacionais de cooperação, existem interesses nacionais políticos e econômicos com a abertura para vinda de imigrantes haitianos.

Estes interesses nacionais são condicionados aos períodos históricos e podem ser verificados através do seguinte decreto:

O Brasil promulgou a Convenção Relativa ao Estatuto do Refugiado de 1951, mediante o Decreto-lei nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961, sendo esse o primeiro ato jurídico do governo brasileiro que realmente inseriu o país ao Direito Internacional dos Refugiados. Todavia, a ratificação desse instrumento se deu sob uma limitação, qual seja, a condição de só aceitar receber em nosso território refugiados provenientes do continente europeu. (DURÃES; OLIVEIRA; p.12, 2018).

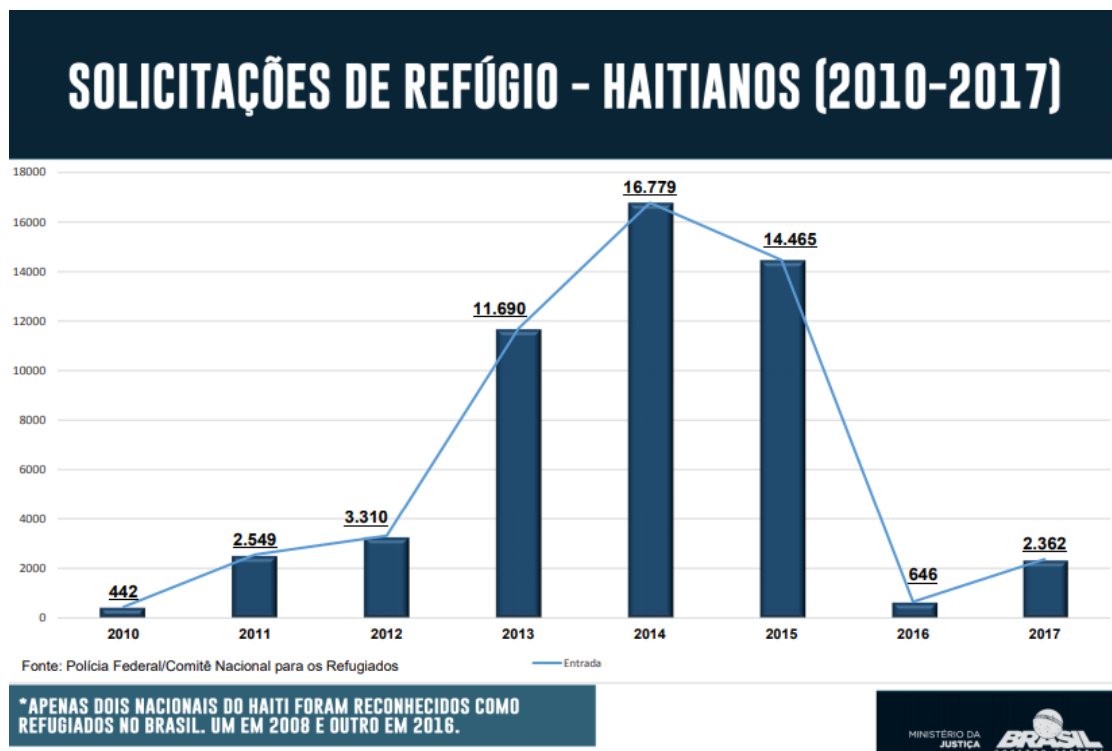
Sabemos que a ideia de branqueamento da população permaneceu no contexto nacional até meados de 1930, Schwarcz (1996), e apenas após este período há uma aposta em uma identidade ligada à miscigenação no país. A categoria de branqueamento previa a miscigenação como um processo para “purificar” a população, através de relações interraciais com pessoas brancas, gerando um país branco. Apenas após o fracasso deste projeto no contexto nacional brasileiro é que

se passou a investir em uma identidade de um país miscigenado a partir da ideia do encontro de raças. Assumindo-se assim uma falsa ideia de democracia racial que isentava a problematização das relações raciais existentes. Entretanto, verificamos que no que se refere aos aspectos legais que institucionalizam a presença de imigrantes – ou naquela época refugiados – a presença de indivíduos europeus continuou sendo predominante e preferível aos interesses nacionais.

Como já mencionado anteriormente o Haiti no decorrer de seu contexto histórico de formação e independência teve muito conflitos e instabilidade, um dos grandes momentos de fragilidade foi os pós terremoto ocorrido no ano de 2010, atraindo atenção e manifestação em níveis internacionais, inclusive do Brasil que liderava no Haiti a MINUSTAH (Missão da Nações Unidas para a Estabilização do Haiti).

É importante considerar que neste período muitos haitianos entram no país de forma ilegal, por meio de atravessadores. Geralmente a rota adotada da conta da entrada pelo Equador e Peru. Neste período o número de solicitação de vistos de refugiados haitianos no Brasil aumentou consideravelmente, como podemos verificar na 3ª edição do relatório do CONARE “Refúgio em Números”.

Gráfico 1 - Solicitações de refúgio



Fonte: CONARE – Comitê Nacional para Refugiados. Refúgio em números – 3ª Edição (2018)

O que fica evidente é que boa parte dos pedidos foi negado tendo em vista o conceito de refugiados adotado pelo CONARE - Comitê Nacional de Refugiados e descrito na Lei 9.474/97. Que delimita que só será reconhecido como refugiado o indivíduo que tenha sofrido perseguição e por isso não queira ou não possa regressar ao seu país de origem e/ou tenha sofrido violações de direitos humanos que façam com que seja necessário buscar refúgio em outro país. Foi a partir desta lacuna que surgiu a necessidade da criação de um instrumento jurídico que conferisse o aporte necessário a situação dos imigrantes haitianos que chegam ao Brasil. Sua legitimidade e legalização passou pelo Conselho Nacional de Imigração (BRASIL, 2012) que após pressões sociais e políticas expediu a Resolução nº 97 de 12 de janeiro de 2012.

Em uma visita à Port-au-Prince no Haiti em fevereiro de 2012 a então presidente Dilma Rousseff afirmou o compromisso de que o Brasil estava de portas abertas para os haitianos frente às alianças políticas locais e a mídia internacional. A aprovação da Resolução nº 97 foi um passo importante segundo ela para coibir a ação de criminosos que agenciam a entrada ilegal no Brasil para imigrantes haitianos. Disse

ainda que "Como é da natureza dos brasileiros, estamos abertos a receber cidadãos haitianos que optem por buscar oportunidades no Brasil" (BBC NEWS, 2012)

Embora exista este instrumento legal que facilita a entrada de imigrantes haitianos, a vinda indocumentada ainda é uma prática muito utilizada em razão dos custos serem menores do que a viajar de forma legal. Ainda, segundo Camila Gomes de Oliveira e Marilene Gomes Durães (2018):

Os haitianos estão concentrados em maior quantidade no sul do país e em São Paulo. Os que conseguiram emprego estão trabalhando, principalmente, na construção civil, frigoríficos e limpeza. Entretanto, muitos ainda vivem de forma precária, amontoados em abrigos que foram, inicialmente, pensados como algo provisório, mas que já duram muito tempo e acolhem um número de pessoas superior à sua capacidade. (DURÃES; OLIVEIRA; p.23, 2018).

No trabalho de Camila Gomes de Oliveira e Marilene Gomes Durães (2018) verificamos os discursos políticos da época, quando o Ministro da Justiça enfatizou a contribuição da resolução promulgada pelo CNlg – Conselho Nacional de Imigração (BRASIL, 2012), na posição do Brasil frente à política de direitos humanos. Já o Ministro do Trabalho se manifestou quanto a importância da mão de obra haitiana e seu reflexo na economia brasileira, uma vez que estes iriam ocupar postos de trabalho que não interessavam aos brasileiros. “O ministro interino do Trabalho e Emprego, Paulo Roberto dos Santos Pinto, em entrevista coletiva concedida acerca do tema em questão, destacou, que a mão-de-obra haitiana poderá contribuir para os segmentos da economia onde não se encontram mão-de-obra especializada, por não interessarem aos brasileiros [...]” (DURÃES, OLIVEIRA, 2018). Desta maneira, fica evidente que além da observância ao que está prescrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos, a legitimação e legalização da presença de imigrantes haitianos através da construção de novos instrumentos jurídicos possuía interesses de cunho político, social e econômico.

O estado de Santa Catarina irá ocupar um marcador importante na presença de imigrantes haitianos, tendo em vista que várias empresas realizaram processo de recrutamento em especial no Acre e outras cidades que são destino de chegada dos haitianos no Brasil.

A primeira fase da presença haitiana em Santa Catarina é marcada pelos processos de recrutamento (no Acre, Amazonas e São Paulo) como motores da concentração inicial dos imigrantes haitianos, particularmente nas cidades da Mesorregião do Vale do Itajaí. Essa vinda estava, no entanto, situada em um contexto maior de mobilidade haitiana do Norte ao Sul do Brasil. (MAGALHÃES, 2017, p. 186-187)

O estado de Santa Catarina será destino do fluxo migratório de haitianos principalmente em razão do recrutamento das empresas nas cidades de chegada dos haitianos. Também existem relatos de familiares e amigos que compartilham sobre suas condições de vida e emprego e acabam influenciando a escolha do destino de outros haitianos. Luiz Felipe Magalhães (2017) irá classificar este período como a primeira fase de presença haitiana no estado. Segundo ele mais de mil imigrantes haitianos chegaram a cidade de Balneário Camboriú no auge deste período localizado entre o ano de 2013 e 2014. Este foi o mesmo período em que o CONARE recebeu o maior número de solicitações de refúgio (ver gráfico 5). Magalhães (2017), relata que boa parte dos empregadores que estavam nas regiões de fronteira do Brasil, em especial no Acre para fins de recrutamento eram empresas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Desta maneira, a região sul do Brasil se tornou um polo de referência para os imigrantes haitianos recém chegados, principalmente pela oferta de trabalho e condições oferecidas pelos empregadores.

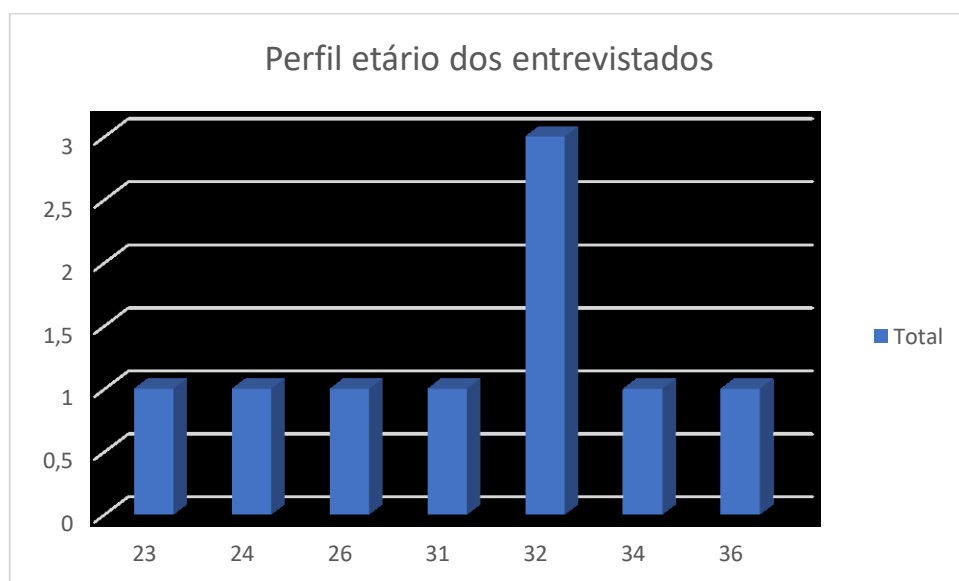
Como mencionado anteriormente grande parte dos imigrantes haitianos chegaram ao Brasil de forma não documentada pelas fronteiras do país ou pela denominada tríplice fronteira– Brasil, Colômbia e Peru. Um dos primeiros destinos acaba sendo o estado do Acre, e após um recrutamento pelas empresas há um novo movimento de migração para outros estados do país. Cinco dos nove entrevistados por mim percorreram o trajeto de chegada à América Latina de avião e após isto entraram de país em país, até chegar nas regiões de fronteira e prosseguir viagem de ônibus. Os outros quatro entrevistados já entraram no Brasil com o visto concedido pela embaixada Brasileira no Haiti. A partir deste contexto e definição de Santa Catarina como um polo de oferta de trabalho e recrutamento, torna-se necessário verificar quais setores absorvem a presença haitiana, tanto de documentados quanto de indocumentados.

3.2.1 Trajetórias dos entrevistados

Antes de entrar nas expectativas dos haitianos com relação a vinda para o Brasil, é fundamental conhecer o perfil de meus entrevistados, pois é com o auxílio destes que mapeamos sua relação com a cidade e com o trabalho. Meus entrevistados têm uma faixa etária entre 23 e 36 anos de idade, sendo que destes são seis homens e três mulheres. Todos trabalham dentro da BRF (Brasil Foods – Unidade de Concórdia), tendo vínculo empregatício com a empresa ou com empresas terceiras prestadoras de serviço para a unidade. Embora não tenha conseguido obter um número exato de haitianos que trabalham na empresa, em virtude das políticas internas da empresa, consegui através de alguns informantes um número aproximado de que a empresa conta com mais de 500 imigrantes haitianos em seu quadro de efetivo que consta com mais de quatro mil trabalhadores.

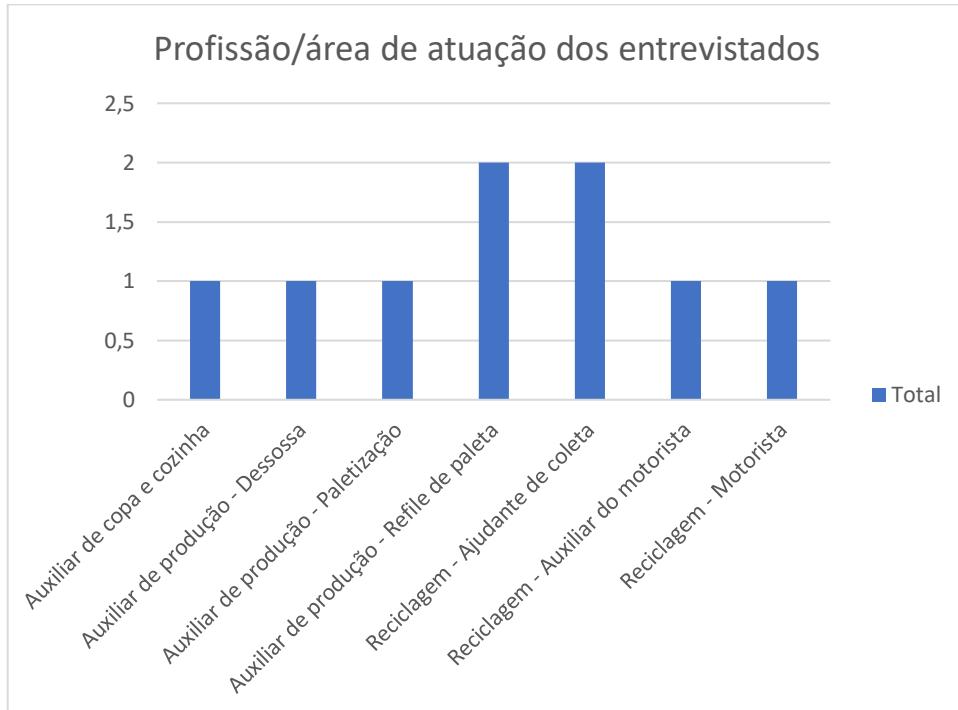
Para delimitar o perfil dos meus entrevistados e consequentemente de meus dados, apresento graficamente as informações de seu perfil etário, profissão, naturalidade, e desde que ano estão em Concórdia.

Gráfico 2 - Faixa Etária



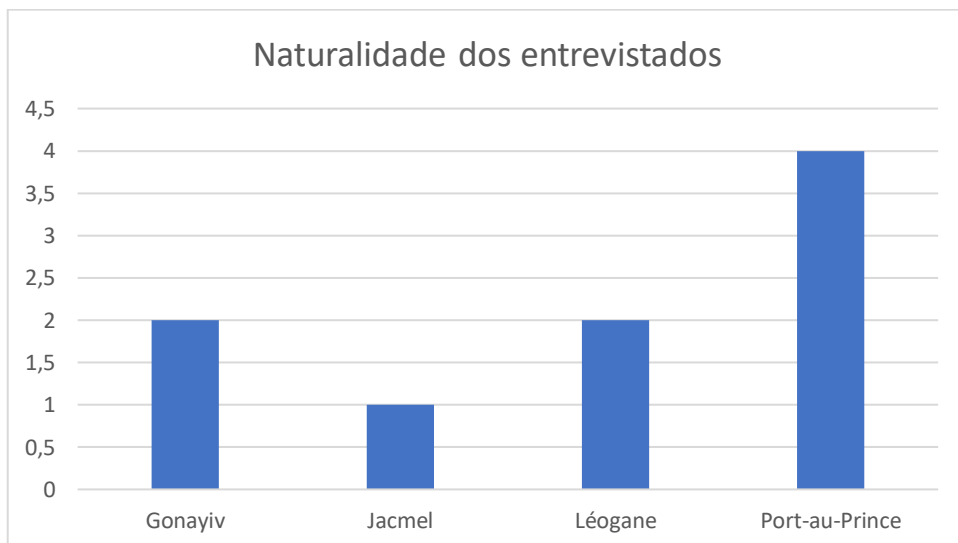
Fonte: Elaborado pela autora. (2018)

Gráfico 3 - Profissões dos entrevistados



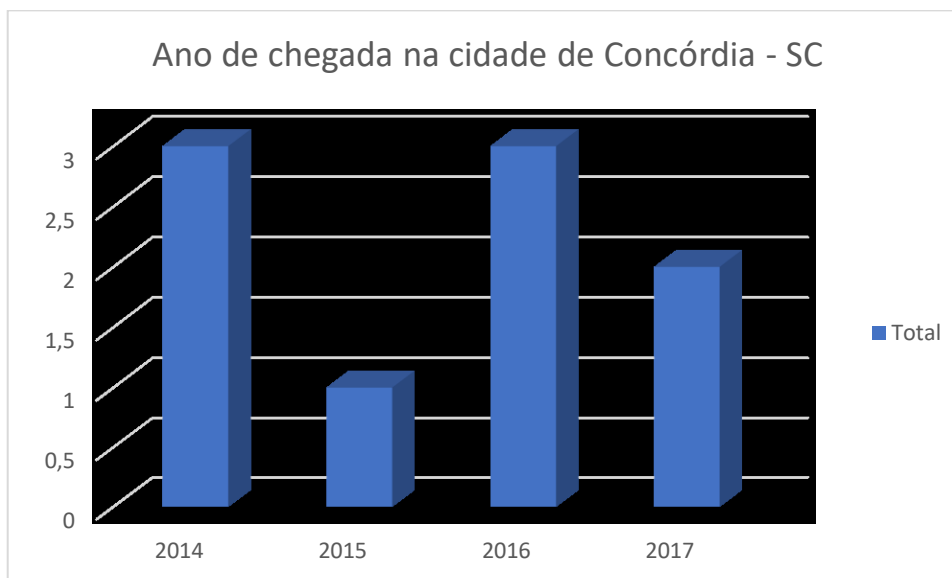
Fonte: Elaborado pela autora. (2018)

Gráfico 4 - Cidade de origem no Haiti



Fonte: Elaborado pela autora. (2018)

Gráfico 5 - Chegada em Concórdia - SC



Fonte: Elaborado pela autora. (2018)

O primeiro contato de meus entrevistados em relação ao Brasil se deu por meio do futebol. A seleção brasileira mundialmente conhecida através das copas do mundo e o Brasil identificado como o país do futebol aparece de maneira marcante no imaginário criado e vinculado pela mídia mundial. Ronaldo que é natural de Port-au-Prince e tem 32 anos de idade, está em Concórdia desde 2014, mencionou que “o primeiro contato, era só com futebol. “Eu torcia pro Brasil desde que eu era pequeno, desde que eu tinha cinco anos eu torcia pro Brasil.”. A fala de Gabriel também ilustra o que a maioria dos imigrantes haitianos sabia do país antes de vir para o Brasil “Pra mim eu só sabia que o Brasil é um país do futebol”.

Sendo que estes imigrantes em sua maioria não sabiam muito além do futebol sobre o Brasil, o que fez com que migrassem e quais caminhos percorreram? E que setores absorveram sua presença? Irei tratar individualmente e de maneira sintetizada, a relação dos motivos que fizeram estes imigrantes haitianos e haitianas virem para o Brasil. O entrevistado que irei chamar de Miguel revelou que o sonho dele nunca foi vir para o Brasil, entretanto, após conseguir o visto ele não sabia exatamente o que fazer pois vir ao Brasil nunca esteve em seus planos, tanto que não tinha nenhum conhecido no país. Sua vinda ao Brasil foi impulsionada por um primo de seu tio que morava em Concórdia e disse que era um lugar bom e que havia trabalho. Desta maneira verificamos a questão das redes sociais entre os indivíduos

que propiciam as trocas de experiências e informações sobre as regiões para qual estão migrando. E também, como Santa Catarina e o oeste catarinense aparecem para os imigrantes enquanto locais de oportunidades de emprego.

Diferentemente da experiência de Miguel, a chegada de seu amigo Douglas à cidade de Concórdia já contava com um familiar, seu pai com quem foi morar quando chegou. Pela influência de seu pai ele decidiu vir ao Brasil, pois segundo ele seria um lugar melhor para estudar e aprender alguma coisa. Douglas fez questão de deixar claro que o único motivo de estar aqui é para aprender algo, e que em questão de dois anos no máximo pretende ir embora. Este tipo de mobilidade que tem como principal motivador os estudos, também é característica que aparece nos entrevistados de Taise Staudt (2018) e Eliziane Tamanho de Oliveira (2017). Os entrevistados têm uma tendência a migrar dentro do próprio Haiti para estudar. E em alguns casos, quando já estão no Brasil se deslocam para cidade de Chapecó-SC ou outros estados para tentar cursar ensino superior.

A entrevistada denominada de Rosana por sua vez, tinha três primos que estavam morando no Brasil e despertaram sua atenção para a possibilidade de vir para cá. Entretanto, sua primeira alternativa e o que ela realmente gostaria era ir aos Estados Unidos. Ela passou a considerar a possibilidade de vir para o Brasil somente a partir do momento que não conseguiu ir para os EUA. Motivada pelos relatos dos primos das oportunidades de trabalho no país, ela decidiu vir para o Brasil. Rosana tinha outros membros de sua família que já estavam no Brasil, mais precisamente em Concórdia. Sua cunhada chegou ao Brasil por meio do Acre, sem visto. Rosana queria vir de forma não documentada com sua cunhada na época, mas sua família não aprovou. Já o marido de Rosana veio na sequência, as últimas a chegarem foram Rosana e sua filha. Em sua trajetória, antes de chegar em Concórdia, Rosana passou pela cidade de São Paulo-SP para concluir a documentação.

A imigrante Pamela tem 34 anos de idade e é natural de Port-au-Prince, ela chegou em Concórdia no ano de 2014. Entretanto, o Brasil não é o primeiro país que ela esteve. Pamela residiu durante um período de quatro anos na República Dominicana e já fazem oito anos que deixou o Haiti. Ela pegou um avião para o Equador, depois disso veio de ônibus para o Brasil, pegando conexões para Concórdia e ficou alguns dias em São Paulo para fazer seus documentos. Pamela

tinha um compadre que morava em Concórdia e comentou com ela sobre a disponibilidade de emprego na cidade, isto foi decisivo na escolha de Pamela de vir para Concórdia. Após um período de oito meses o marido de Pamela também veio para o Brasil.

O entrevistado Ronaldo mencionado anteriormente, decidiu vir para o Brasil para procurar um emprego, e em seu imaginário já projetava o sonho de algum dia conhecer o país. Ele tinha um amigo que veio para o Brasil dois anos antes dele, residindo em Balneário Camboriú e isto também influenciou na sua decisão. Antes de chegar em Concórdia ele passou por três países. O primeiro foi a República Dominicana, seguido pelo Equador e Peru. Ronaldo foi para uma cidade que fazia fronteira com o Brasil – Peru, e pegou um ônibus para entrar no país. Para fazer seus documentos ele foi até a polícia federal no Acre. Em virtude do feriado de primeiro de maio, ele precisou ficar cerca de 17 dias no Acre até conseguir sua documentação. Durante este período ele ficou alojado em um lugar ao qual denominou de Refugiados, neste local com imigrantes de diversos países ele relatou que empresas vinham buscar as pessoas para trabalhar. Foi por este meio que ele veio para Lindóia do Sul trabalhar em um frigorífico local. Após esta empresa fechar ele tentou a opção de um emprego em Ipumirim e em Concórdia, ambas em frigoríficos locais; vindo a residir em Concórdia em virtude do novo emprego.

O fluxo de mobilidade de Ronaldo caracteriza o que Luiz Felipe Magalhães (2017) identifica como a segunda fase da presença haitiana em Santa Catarina, que dá conta da mobilidade interna dos imigrantes no estado. “Especialmente a partir de 2014, tem-se verificado uma mobilidade interna destes imigrantes pelo estado, especialmente rumo à Mesorregião Oeste de Santa Catarina (para cidades como Chapecó, Concórdia, Xanxerê, Xaxim e Nova Erechim).” (MAGALHÃES, 2017, p.192).

No caso de Gabriel, ele foi movido pela curiosidade de vir pro Brasil, sua prima morava aqui e segundo ele no Haiti todos falavam do Brasil. A maioria dos jovens vem em busca de um trabalho no Brasil, segundo ele, todo jovem que termina o ensino médio quer sair do país. Sua experiência é parecida com a de Miguel, ambos são jovens e absorvem a cultura e a necessidade de estar em mobilidade. O Brasil foi o primeiro destino deste jovem que não havia estado em nenhum outro país.

A trajetória de Santiago se dá pela chegada na República Dominicana, Colômbia, Equador, Peru, fronteira Peru-Brasil para entrada no Acre, e de Acre para São Paulo. A esposa de Santiago percorreu o mesmo trajeto, chegando ao Brasil em 2015 um ano depois dele. Após providenciar a documentação em São Paulo ele veio para Santa Catarina, direto para cidade de Concórdia que conheceu através de um amigo. Tanto Santiago, quanto sua esposa Maria relataram que por enquanto estão em Concórdia, mas que ‘tem que’ viajar, no sentido de precisar viajar e conhecer outras coisas e lugares. Uma necessidade de estar em mobilidade constante. Maria e Santiago tem um filho, Santi de 1 ano de idade. Embora Santi tenha nascido no Brasil, quando questionei se ele era brasileiro a mãe se apressou em reforçar que o filho é haitiano. Demonstrando um vínculo de pertencimento com a identidade haitiana, embora seja natural do Brasil.

Por fim, meu entrevistado Fábio de 32 anos de idade e natural de Gonaïves, chegou em Concórdia no ano de 2016. Antes disso, passou em sua trajetória pela República Dominicana, Panamá, Equador, Peru. Ele entrou no Brasil por Puerto Maldonado no Peru, local que faz divisa Bolívia/Brasil. Ele deixou claro que só vai embora se não tiver emprego, entretanto, pensa em voltar para o Haiti para estar com seu pai.

Acredito que falar individualmente das trajetórias dos meus entrevistados é necessário, uma vez que estes são indivíduos únicos bem como, suas trajetórias e histórias de vida. Obviamente não vou adentrar nas suas histórias de vida, mas acredito que compreender individualmente suas trajetórias nos remete as especificidades de cada experiência positiva e negativa deles enquanto imigrantes. Em geral, suas trajetórias foram motivadas por sonhos, oportunidades de trabalho, curiosidade e relatos de conhecidos sobre o Brasil. O que nos leva a questionar, como tem sido suas experiências de vida em Concórdia? Deste modo, vamos abordar alguns dos aspectos mencionados durante as entrevistas.

3.2.2 Expectativas e frustrações

Em relação as expectativas de meus entrevistados, elas giram em torno da visão que tinham do que encontrariam e da realidade que se depararam, os custos da viagem também foram sinalizados como um ponto negativo. O alto custo da viagem pesava para os imigrantes, não era algo barato uma vez que contava com hospedagem em hotéis, passagem de avião, comida e custos de visto e documentação. Também lhes foi frustrante, as dificuldades que de alguns dos jovens que gostariam de estudar, mas em virtude do trabalho não conseguem conciliar. Esta dificuldade emerge na fala de Ronaldo “Eu quero, eu estou pensando em continuar minha escolaridade, e é por isso que eu estou pensando pra trocar meu horário de trabalho, porque meu horário é muito complicado, não tem tempo, não tem tempo para estudar.” (Entrevistado Ronaldo, 2018)

Gabriel relatou que conciliar o trabalho e estudos acaba sendo muito complicado no Brasil, que o valor para estudar e se manter no país não é o que ele esperava. Indiscutivelmente o fato de Santa Catarina ser um dos estados que pior remunera a mão de obra estrangeira e o alto custo de vida são fatores determinantes na situação de Gabriel. Sem mencionar a carga horária trabalhada e a dificuldade de conciliar os horários da agroindústria com o curso de técnico em mecânica no Senai. Os entrevistados Miguel e Gabriel realizam o mesmo curso técnico no Senai, e outros três de meus entrevistados fazem aulas de português no CEJA – Centro de educação de jovens e adultos -.

Gabriel também mencionou o desejo de voltar logo para o Haiti e não quer ir para outros países, considerou a experiência de viver fora de seu país muito complicada pois sente muita falta da família, falta de tudo e também há um estranhamento com a temperatura e com a cultura do país. Na época que decidiu vir para o Brasil sua família tinha condições de pagar seus estudos no Haiti, entretanto, foi uma escolha dele vir para o Brasil. O desejo de Gabriel de estudar e trabalhar no Brasil não se concretizou como suas expectativas, em especial projetadas pelo sucesso e relatos de outros jovens “diásporas”. Retornar ao seu país está ligado principalmente a falta de acolhimento e pertencimento ao lugar que ele se encontra. “Eu não tenho intenção de ir pra outra cidade, pra outro país. Viver fora do seu país é muito complicado, é complicado pra viver. Falta tua família, falta tudo. A cultura desse país é bem diferente, a temperatura também...” (Entrevistado Gabriel, 2018)

Nem todos os imigrantes haitianos compartilham do mesmo pensamento que Gabriel, na realidade a mobilidade constante é um desejo da maioria dos haitianos, conhecer países, suas culturas, mesmo que o desejo de voltar ao Haiti também apareça em suas falas. Este desejo também aparece no diálogo com os entrevistados Santiago, Maria e Rosana onde eles afirmam “a gente tem que viajar”. Já Rosana revelou que “Eu tenho sonho de comprar uma casa” (Entrevistada Rosana, 2018), o desejo de comprar/construir uma casa em Concórdia, mas também desejar viajar para outros países, voltar para o Haiti, voltar para o Brasil. O retorno é a possibilidade de rever os entes queridos, compartilhar as experiências vividas, a ascendência econômica em alguns casos e ter o prestígio e o status de ser um *dyaspora*.

O jovem Miguel mencionou que uma de suas decepções é que o bairro em que ele morava no Haiti seus amigos foram para Miami e Nova Iorque, mostravam fotos de carro, um bom emprego e da condição de vida que tinham lá. “quando eles chegaram lá, mostraram foto, tem emprego bom, tem carro, tem tudo sabe, então cheguei aqui sozinho, pensa foi difícil pra mim.” (Entrevistado Miguel, 2018). Na tese de Handerson (2015) ele chama atenção para esta necessidade de sair do Haiti e ir para outro país relatada por jovens haitianos, tal qual a experiência de Miguel, nestes casos os jovens iam para outros países geralmente na intenção de estudar, mas levando em consideração o contexto do Haiti, estar empregado passou a ser prioridade. Em contrapartida se constituir enquanto diáspora também tem um grande peso sobre estes jovens indivíduos. O imaginário social haitiano constrói um valor simbólico em torno das diásporas, associado à ideia de ser bem-sucedido. E é exatamente esta imagem, ou no caso, a frustração desta que leva à decepção narrada por Miguel em relação ao Brasil e a cidade de Concórdia-SC, pois não obteve nada do que esperava encontrar.

No que diz respeito ao trabalho, a maioria dos casos dos Haitianos que entrevistei há uma íntima ligação entre a mobilidade para o Brasil e o mercado de trabalho. Meus entrevistados deixaram o Haiti em busca de melhores condições de vida. O fato de Pamela, por exemplo, estar há oito anos fora do Haiti demonstra o quanto a mobilidade constante está presente na realidade dos haitianos. O Brasil se torna um destino a partir do momento que o mercado de trabalho passou a ser convidativo e as condições de entrada no país eram menos burocráticas que os demais. A agroindústria, no caso de Santa Catarina, e mais especificamente no meio

oeste, é o ramo que empregou Pamela. “[...] observa-se que além do emprego formal, essas empresas inicialmente criaram outras facilidades para atrair esses trabalhadores como a viabilização de moradia e alimentação.” (RISSON; MAGRO; LAJÚS, 2017, p.147). Os benefícios concedidos pelas empresas são o principal atrativo aos imigrantes haitianos, entretanto, há relatos que após um certo período esta ajuda é interrompida e se configura uma reclamação constante entre os trabalhadores haitianos.

Aparentemente as novas oportunidades de trabalho se mostram atrativas, levando vários haitianos a optarem por se deslocarem ao oeste catarinense. O que eles não preveem são as condições precárias e desumanas do trabalho que vão encontrar na agroindústria. Luiz Felipe Magalhães (2017) traz dados do Ministério do Trabalho que identificam Santa Catarina, no ano de 2014, como o estado brasileiro com o maior número de trabalhadores haitianos, superando o estado de São Paulo. Embora seja o estado que mais emprega, também apareceu como o estado que têm pior remuneração. Evidenciando as dificuldades vivenciadas pelos haitianos nas relações e espaço de trabalho no oeste catarinense.

No Haiti as pessoas não aceitam qualquer trabalho, eles querem fazer algo melhor. A entrevistada Pamela que trabalha há 3 anos na BRF também revelou que está insatisfeita com seu trabalho, pois exerce uma atividade muito bruta, pesada e em um ambiente frio. O trabalho exercido pelos haitianos em sua maioria é muito pesado, e conseguir qualquer outro emprego é complicado e praticamente impossível. Ainda, “O desconhecimento das leis trabalhistas brasileiras, a dificuldade com a língua, falta de amparo legal e o medo, colaboram para a permanência em situação degradante de trabalho.” (NOGUEIRA, 2017). Mesmo que Pamela tenha ensino superior e formação para ocupar outras vagas, aos olhos dos empregadores devido a sua cor, automaticamente ela irá ocupar um cargo hierarquicamente inferior, O mesmo ocorre em um relato do trabalho de Eliziane Tamanho de Oliveira (2017), onde o entrevistado relata o seguinte:

[...] entrei, fiz entrevista, as pessoas tinham um olhar como um negro que não tinha nada na cabeça, tipo se fizesse uma entrevista numa empresa, tipo na Aurora, que eu vou falar mesmo, eu fui fazer uma

entrevista e eles queriam um engenheiro sênior de produção, daí eu fui lá, a mulher olhou bem pra ver se não tinha outra vaga, se eu não queria trabalhar como auxiliar de produção. [...] não, eu fiz cinco anos de engenharia pra trabalhar como auxiliar de produção?! Tem cabimento um negócio assim?! Então vamos parar gente. Eu vim aqui vou estudar, vou fazer minha graduação, se der vou fazer meu mestrado, meu doutorado e voltar pro meu país, entendeu? Porque assim não vai dar. (BARRETO, 2015)

No que diz respeito as insatisfações com o trabalho no Brasil, Santiago disse que sempre pensou que o Brasil por ser um país maior, teria melhores condições do que o Haiti, mas quando chegou aqui viu que havia muitas semelhanças entre os dois países. “a gente paga, aí tem que pagar aluguel, água luz, internet, aí não dá! Tem que pagar a escola se quiser estudar, mais também não dá tempo por que tem que trabalhar.” (Entrevistado Santiago, 2018) Ele não imaginava que para trabalhar e estudar aqui seria tão complicado quanto no Haiti. Neste caso, a abertura do país foi um motivador para sua vinda pois a facilidade de entrada no país lhe foi algo interessante, a priori era vantajoso, mas quando chegou aqui pode visualizar uma série de desvantagens.

Um dos relatos mais marcantes sobre as dificuldades encontradas ao chegarem ao Brasil foi o de Miguel. Ele expôs que chegou aqui sem saber falar português, sozinho e sem ninguém para lhe dar suporte. “Então cheguei aqui sozinho, pensa foi difícil pra mim porque fiquei doente, não sabia falar português, não tinha ninguém pra me ajudar! Caramba, a mãe estava tão longe porque pensa eu era uma criança, eu tinha 21 anos quando cheguei aqui, pensa, numa situação dessa né, cheguei sem a mãe, a mãe que dava tudo pra mim, eu não trabalhava.” (Entrevistado Miguel, 2018)

Um dos momentos mais difíceis para ele foi quando ficou doente e precisou ir ao hospital. Para driblar a dificuldade linguística ele utilizou um aplicativo de celular para se comunicar com o médico, mas o sentimento de abandono e fragilidade é expressivo no momento em que relata suas dificuldades iniciais fora do Haiti. “depois que melhorei, depois daquele dia eu falei, eu tenho que me virar se eu não tenho ninguém aqui pra me ajudar, tenho que me virar” (Entrevistado Miguel, 2018)

Ao mesmo tempo que o relato de Miguel nos leva a entender o sentimento diáspora de não pertencer ao lugar que estava e nem ao lugar que está, compreendemos este sentimento de deslocamento; nos leva a pensar acerca das condições de permanência dos haitianos no Brasil. Muito se fala e se problematiza acerca das condições de entrada, dos interesses do país com a vinda dos imigrantes e dos conflitos em torno disto, entretanto, são poucos os órgãos institucionais que se posicionam e de fato abrangem e institucionalizam iniciativas que possibilitem aos imigrantes usufruírem de seus direitos humanos fundamentais em sua totalidade. Percebemos a falta de organização e preparo das instituições do Brasil em receber, orientar e dar assistência aos imigrantes. Que por vezes acabam contando com a ajuda de estranhos ou com a própria sorte em momentos de necessidade, como o apontado acima pelo entrevistado.

3.2.3 Dificuldades com o aluguel

Os imigrantes haitianos também acabam contando com a sorte no que diz respeito a moradia, uma vez que encontram enormes dificuldades em alugar imóveis. Miguel relata que quando chegou ele deveria ir morar com o primo de seu tio, mas acabou indo morar com um desconhecido. O dono da casa alugada pelo primo do tio não aceitava mais do que três moradores, isto fez com que Miguel tivesse que morar com um amigo do primo de seu tio. Este desconhecido não tinha tempo para ajudar Miguel ir atrás de seus documentos. Então, mesmo com dificuldades ele foi sozinho para a cidade de Chapecó-SC - que fica a aproximadamente 80km de Concórdia-SC - realizar os encaminhamentos. Mesmo sendo algo difícil e desafiador ele toma a experiência como crescimento, uma vez que agora independentemente do local que estiver ele saberá se virar sozinho. “quando eu falo que foi difícil né, foi mesmo!” (Entrevistado Miguel, 2018)

Em relação a dificuldade de alugar casas em Concórdia, também aparecem alguns relatos no livro da jornalista Letícia Kutzke (2016) – *Haitianos em Concórdia – SC*. Na maioria deles os entrevistados dizem que os donos das casas não querem alugar porque alegam que os haitianos não devolvem o imóvel nas condições que receberam, que saem sem dar satisfações, inclusive alguns donos de imóveis

colocam como requisito na imobiliária que o local não seja alugado para haitianos. Situação está que não é oficialmente confirmada/oficializada, é um relato apresentado pela autora de um entrevistado que trabalha em uma imobiliária. Este fato fica evidente na narrativa de uma de minhas entrevistas: “A gente foi olhar uma casa, a senhora que trabalha de recepcionista me deu um papel com o que eu precisava levar para conseguir alugar. Mas aí ela falou que a casa não era para alugar, era pra vender. É mentira isso aí, é porque eu sou haitiana, eles não querem alugar, não sei, porque tem pessoa que são racistas.” (Entrevistada Rosana, 2018).

Ainda aparecem as questões de que não possuem avalistas, o fato de os proprietários não quererem ‘repúblicas’ – várias pessoas morando no mesmo imóvel – que é o que geralmente ocorre com os haitianos devido ao alto valor de aluguel e pela ajuda que eles prestam aos conterrâneos recém-chegados. Uma das justificativas recorrentes para não alugar os imóveis à imigrantes haitianos é de que os mesmos são muito barulhentos e desleixados. Portanto, a dificuldade de alugar imóveis está diretamente ligada com o preconceito racial e com estigmas criados acerca dos imigrantes.

No que se refere às imobiliárias, a burocratização do processo de aluguel além de ser algo que é um procedimento padrão, infelizmente acaba escondendo uma das realidades que é a de estigmas e preconceitos dos proprietários que não aprovam o aluguel para os estrangeiros. Estes indivíduos do grupo *estabelecido* da cidade de Concórdia, os que se auto definem como *colonos de origem*, trabalhadores e descendentes de europeus, se relacionam com o grupo recém-chegado de imigrantes haitianos por meio de uma série de *estigmas*, produzindo um controle social e a permanência de uma posição de privilégio e de uma relação de poder.

A obra dos autores Elias e Scotson (2000) dá importantes contribuições para se pensar a realidade dos haitianos em Concórdia, pois o trabalho deles auxilia a pensar as relações de sociabilidade entre os moradores da cidade com os recém-chegados imigrantes. A obra ajuda a refletir as categorias de estigma, relações de poder e status, que neste caso diferentemente do caso estudado por eles, está relacionada com o preconceito racial que o grupo de imigrantes sofre. A partir do contexto da dificuldade com moradia e aluguel, gostaria de pensar as formas das relações de poder entre estes grupos utilizando Elias e Scotson (2000) e as categorias

de estigma e relações de poder desenvolvidas na obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*.

Os autores analisam o caso de uma cidade ao sul da Inglaterra à qual denominam ficticiamente de Winston Parva. Na obra os autores abordam as relações de poder entre três bairros, ou três zonas como identificado por eles. Os habitantes da zona 1 eram os privilegiados e de classe média, já os da zona 2 e 3 eram da classe operária, entretanto, o grupo da zona 2 se sobrepõe em uma relação de superioridade com o grupo da zona 3 em virtude de serem *estabelecidos* à mais tempo naquele bairro do que os recém chegados e *outsiders* da zona 3.

Os grupos compostos da zona 2 e 3 foram submetidos a um processo de estigmatização e exclusão pelo grupo da zona 1. Os *outsiders* eram vistos como perturbadores da ordem e como delinquentes. Deste modo, o estigma estipula categorizações estabelecidas de um grupo sobre outro, como forma de identificação e diferenciação. Neste caso os estigmas criados, a imagem dos indivíduos serem delinquentes, servem para reforçar uma relação de poder e superioridade dos outros grupos em relação ao grupo da zona 3. Os termos pejorativos geralmente utilizados para estabelecer este tipo de relação infringem sobre a autoimagem do indivíduo ou grupo estigmatizado levando-os a exclusão, sendo inferiorizados constantemente e invisibilizados. Tudo isto, no entanto, se caracteriza pura e unicamente como uma forma de estabelecer controle social e garantir a permanência de um determinado grupo na relação de poder e privilégio.

[...] deparava-se com o que parece ser uma constante universal em qualquer figuração de estabelecidos-outsiders: o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa [praise gossip], no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas [blame gossip] contra os suspeitos de transgressão. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.20)

A relação estabelecida entre os moradores de Concórdia e os imigrantes neste contexto de pesquisa, é uma relação de poder e de criação de estigmas. E estes estigmas criados aparecem na hora em que os imigrantes procuram um imóvel para

alugar. Entre o grupo *estabelecido* circulam boatos de que haitianos que moram na mesma casa praticam orgias e estupros, que eles têm doenças ou que não pagam o aluguel. Evidenciando que o grupo *estabelecido* cria mecanismos para afastar estes indivíduos das relações de sociabilidade em suas mais diversas formas. Através destas fofocas depreciam a imagem destes indivíduos e marginalizam eles. Um fator importante neste contexto é que nesta relação está fortemente expresso um racismo velado.

Para além da relação de construção de *estigmas* por parte dos *estabelecidos* contra os *outsiders*, também fica evidente a relação de preconceito expressa por meio da fala de um dos entrevistados de Letícia Kutzke (2016):

Você é brasileiro vai alugar uma casa e chega lá para alugar. O valor é trezentos reais, pronto alugou. Quando você sai e nós haitianos precisamos alugar, vamos falar com o dono da casa, e ele vê que somos haitianos. Mesmo falando bem português, mas somos pretos, para você ele alugou por trezentos de nós vai cobrar quinhentos, seiscentos, setecentos. Se não vai embora. E é a mesma casa. (p.34).

Minha entrevistada também menciona sua indignação pelo fato de não conseguir alugar uma casa, “eu também posso viver numa condição mais ou menos, eles pensam que por eu ser haitiana, eu devo viver num lugar feio. (Entrevistada Rosana, 2018.) O mesmo ocorre na entrevista com Ronaldo:

Eu penso, que as pessoas que fazem isso não gostam de estrangeiros porque essa cidade tem bastante pessoas que são racistas e as vezes quando você está procurando uma casa, um apartamento, ou você está procurando aluguel, tem gente que fala na minha frente que "não vou alugar essa casa para estrangeiro", tem gente que fala isso. Não vou discutir com essa pessoa. Na minha cabeça, eu penso que tem gente que não gosta do estrangeiro, tem bastante gente que é racista. (Entrevistado Ronaldo, 2018)

Ficam nítidos os conflitos entre *estabelecidos* e *outsiders* não se dão só pela permanência de um determinado grupo no poder, mas também pela expressão máxima do racismo que permeia estas relações pela raça/cor destes indivíduos. Segundo Grosfoguel “La representación de los sujetos coloniales como vagos, criminales, estúpidos, inferiores, traicioneros, primitivos, sucios, bárbaros y

oportunistas tiene una larga história colonial.” Ou seja, as representações que intermediam estas relações raciais estão relacionadas com hierárquicas coloniais. (GROSFOGUEL, 2007, p.13). Desta maneira, o discurso racista cultural não justifica só a inclusão da mão de obra barata e marginalizada destes indivíduos no mercado de trabalho como menciona o autor, mas também incorpora um “discurso sobre los comportamientos, hábitos, actitudes e valores culturales inadecuados a la comunidad imaginada dominante.” (GROSFOGUEL, 2007, p.43). Excluindo estes indivíduos das relações sociais, criando mecanismos para isto, como no caso da inviabilização de alugar casas para estrangeiros.

Desta maneira podemos refletir também acerca do relato do entrevistado de Kutzke (2016), de forma que aquele indivíduo não tem as qualidades, atitudes e associadas aos *colonos de origem* que habitam Concórdia e a região oeste e, portanto, é desqualificado quando procura um imóvel. O imigrante é um mero *outsider*, que não tem a cor enaltecida pelos *estabelecidos*, não tem os mesmos costumes culturais, não faz parte dos mesmos grupos sociais e não partilha das virtudes associadas à branquitude⁶. “Esse enaltecimento fica evidente na fala do senhor Nico, entrevistado de Neuri Andreola: “os traços o jeito do povo europeu, povo guerreiro, batalhador, isso vem ficando, uma herança genética que fica, e a gente carrega isso”, são exemplos reais de representação de supremacia do grupo branco perante os não brancos” (ANDREOLA, 2015). Desta maneira, as manifestações da branquitude se reproduzem através do monopólio dos imóveis para aluguel, e mais do que isto reproduzem estigmas para que estes indivíduos sejam excluídos, subalternizados e marginalizados. Estas práticas revelam a discriminação e o racismo sofridos pelos imigrantes nas cidades do oeste catarinense.

⁶ Ser branco e ocupar o lugar simbólico de branquitude não é algo estabelecido por questões apenas genéticas, mas sobretudo por posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam. [...] a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2012, p.22-23)

3.3 OFERTA DE TRABALHO E OS SETORES PREDOMINANTES DA PRESENÇA HAITIANA

Verificamos que a constante entre os entrevistados citados acima sobre o que conheciam do Brasil, é a visão internacional de ser reconhecido como o país do futebol. Miguel, Rosana e Santiago enfatizaram que o momento em que o governo brasileiro facilitou a entrada legal de imigrantes foi decisivo para sua vinda ao Brasil. Relatos de que a escolha foi motivada por razões familiares e para estudar também são comuns na fala dos entrevistados. A busca por melhores condições e emprego, no entanto, aparece predominantemente. No relato de Gabriel inclusive, ele menciona que a maioria dos jovens vem para o Brasil em busca de um emprego e não atrás de estudar. Em um dos relatos do jovem Miguel, ele diz que “eu vou falar uma coisa pra ti, sinceramente eu perdi tudo de bom que eu tinha pra ter um trabalho, só! A questão é que a gente não consegue trabalhar lá”. (Entrevistado Miguel, 2018)

A falta de emprego no Haiti em virtude das crises que afetam o país se mostrou como um dos fatores que impulsionou a imigração de meus entrevistados. As oportunidades de entrada facilitadas com a institucionalização do visto humanitário pelo governo brasileiro, a abertura de postos de trabalho no momento em que a economia brasileira estava aquecida, a contribuição das redes sociais na disseminação entre imigrantes das oportunidades e condições encontradas no Brasil foram os motivadores predominantes entre meus entrevistados no momento em que decidiram vir para o Brasil e especificamente para Santa Catarina. A mobilidade destes entrevistados dentro do Brasil, acaba tendo como destino o estado de Santa Catarina e as cidades da região oeste catarinense em virtude da oferta de trabalho e condições oferecidas pela agroindústria.

Podemos verificar que os setores que tem presença predominante de mão de obra haitiana são o do setor secundário, em especial na região oeste catarinense, as agroindústrias. Sandra Bordignon (2016) indica em seu trabalho que uma das primeiras empresas a ofertar emprego em Chapecó-SC para os imigrantes foi a Fibratec, uma empresa no ramo da engenharia de tratamento de efluentes, armazenamento e reservatórios. A autora revela o perfil de contratados geralmente da conta de homens, entre 25-35 anos e com nível de ensino fundamental.

Em outra pesquisa intitulada “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”, que abrange as cidades de Porto Velho, Belo Horizonte, Curitiba, São Paulo, Brasília, Campinas e Manaus realizada pela PUC, a atuação laboral dos imigrantes está mais concentrada na área da construção civil. “A construção civil aparece como o setor que mais absorve a mão de obra dos imigrantes haitianos (30,3%), seguida pela indústria de alimentos (12,6%). Os serviços gerais (7,9%) e o comércio (5,6%) são os setores que absorvem outra importante parcela da mão de obra desses imigrantes.” (CASTRO, FERNANDES, 2014, p.63). Ainda na pesquisa de Castro e Fernandes (2014), aparecem os dados de que mais de 60% de seus entrevistados exercem uma atividade incompatível com sua habilitação, mais de 70% dos entrevistados consideram o salário que recebem insuficiente em relação ao custo de vida e mais de 50% deles enviam ¼ do salário para a família no Haiti.

No que diz respeito a Santa Catarina Luiz Felipe Magalhães (2017) aplicou questionários que resultaram no mapeamento da forte atuação de três empresas catarinenses no processo inicial de recrutamento, a Imbrasul Construtora e Incorporadora, a Multilog e a Ambiental.

Os imigrantes haitianos recrutados no Acre pela Multilog desempenharam, essencialmente, a função de estivadores, estoquistas e de serviços gerais. [...] Os imigrantes haitianos recrutados no Acre pela Ambiental desempenharam, essencialmente, as funções de garis e de serviços gerais. [...] Os imigrantes haitianos recrutados no Acre pela Imbrasul desempenharam, essencialmente, as funções de pedreiro, auxiliar de pedreiro, servente e serviços gerais. (MAGALHÃES, 2017, p. 187-188).

Tanto com os entrevistados de Magalhães (2017) na cidade de Balneário Camboriú, quanto com meus entrevistados na cidade de Concórdia, os cargos ocupados são os que exigem força física, baixo nível de escolaridade e não exigem mão de obra qualificada. Os postos de trabalho ocupados pelos meus entrevistados podem ser visualizados no Gráfico 2. No que diz respeito a região oeste do estado de Santa Catarina, os postos ocupados predominam entre frigoríficos e prestadores de serviços terceiros do mesmo ramo. A economia do oeste do estado de Santa Catarina está assentada na produção para a agroindústria, sendo considerada um polo agroindustrial na produção e exportação de carne de frango e suíno. Foi justamente

esta ascensão da agroindústria que abriu muitos postos de trabalho entre 2011-2015, que foram preenchidos com a chegada dos imigrantes haitianos.

Ronaldo foi um dos imigrantes que preencheu os postos de trabalho da agroindústria da região oeste catarinense. Em sua experiência ele conta que uma de suas maiores alegrias foi conseguir um emprego, apenas após 17 dias de sua chegada ele já estava empregado. “Tem muito emprego aqui no Brasil, tem muito emprego mesmo, muito. A gente consegue trabalhar bem fácil aqui no Brasil, porque quando eu cheguei no Brasil, depois de dezessete dias eu já comecei a trabalhar.” (Entrevistado Ronaldo, 2018). A oferta de empregos para ele foi decisiva e muito satisfatória na sua escolha de país. Seu primeiro emprego foi na empresa Globo Aves em Ipumirim, que foi até o Acre recrutar pessoas para trabalharem na produção da indústria de aves. A função exercida por ele na época era na área de coxa e sobrecoxa.

Podemos verificar que os trabalhos exercidos pelos imigrantes haitianos além de serem as funções que tem remuneração mais baixa, geralmente são as que exigem mais força física. “O serviço pesado, se é homem ou mulher faz igual, não importa” (Entrevistada Pamela, 2018). Pude observar durante o período de realização de minhas entrevistas e deste trabalho, que boa parte dos haitianos empregados na agroindústria em Concórdia-SC preenchem cargos no processo inicial da cadeia produtiva de carnes. Ou seja, as piores funções do processo de matança são realizadas por haitianos e haitianas. Os que não estão no processo inicial de evisceração, se encontram na parte de cortes e desossa da carcaça. “Sob esta estratégia, os trabalhadores haitianos (como também os senegaleses) são alocados de forma preferencial nas etapas de produção mais penosas e perigosas. Estas etapas da produção são, por consequência, aquelas que apresentam maior incidência de acidentes de trabalho e de DORTs (Distúrbio Osteomusculares Relacionados ao Trabalho).” (MAGALHÃES, 2017, p.200).

Isto evidencia a atribuição de um significado ao corpo do negro que remonta o período da escravidão no Brasil, que nos remete a seguinte questão “Essas pessoas escravizadas foram chamadas de “africanas” e “negros”; essas foram, digamos, as duas identidades criadas originalmente na sociedade escravocrata brasileira, em que o negro tinha um lugar e esse lugar era a escravidão.” (GUIMARÃES, 2003, p.99). A

sociedade escravocrata aproxima os trabalhos considerados braçais e com menor status a cor da pele e classe que os indivíduos pertencem. Não raro, escutamos a expressão de que determinada função é “trabalho de preto”. Segundo Grosfoguel (2007), o racismo cultural vai ser articulado e relacionado com discursos de pobreza e com as oportunidades no mercado de trabalho, portanto, fazendo com que os negros ocupem uma posição de inferioridade cultural por ocuparem cargos subordinados. Entretanto, sabemos que as posições ocupadas no mercado de trabalho por brancos e não brancos possuem uma relação íntima com as desigualdades raciais e posições de prestígio e privilégio ocupadas historicamente pelos brancos.

[...] la cual persiste a pesar de la caída de las administraciones coloniales como forma dominante de relaciones entre los europeos/euro-americanos y los no europeos en el sistema-mundo capitalista. La “colonialidad” se refiere a la reproducción y persistencia de las viejas jerarquías etnoraciales coloniales en un mundo “poscolonial” y “posimperial”. El fin de las administraciones coloniales en el sistema-mundo moderno/colonial no significa fin de la “colonialidad”. (GROSFOGUEL, 2007, p. 13)

Verificamos assim, que o poder colonial persiste mesmo com a queda dos colonizadores, as posições ocupadas no sistema capitalista e, portanto, no mercado de trabalho continuam sendo uma reprodução das hierarquias étnico raciais herdadas do período colonial. Deste modo, o imaginário alimentado pela branquitude constrói um estigma sobre os não brancos, que os destina a ocupar posições subordinadas aos brancos no mercado de trabalho.

No Brasil, a divisão etnocultural do trabalho baseia-se na herança da escravatura, no baixo status historicamente atribuído ao trabalho braçal e na distribuição do trabalho e do status profissional de acordo com uma combinação de cor, classe, posição e aparência. Ela funciona mais como um mosaico do que como uma polaridade. Mas, no Brasil como no Haiti, o discurso sobre o trabalho pesado é predominantemente associado ao corpo do afrodescendente (desrespeitado e mal alimentado) como herança da escravatura. (HANDERSON, 2010, p.93-94)

É necessário considerar que o principal motivador da vinda dos imigrantes haitianos para o Brasil tem sido a oferta de trabalho. Entretanto, a dificuldade de conseguir trabalho, o baixo salário e as limitadas áreas de atuação ofertadas se constituem nas maiores dificuldades relatadas. Assim como eles tem dificuldade para alugar uma casa, também encontram dificuldades para atuação no mercado de trabalho. Estas dificuldades estão ligadas ao fato de serem negros, pois mesmo que brancos ocupem os mesmos cargos, nas relações raciais no ambiente de trabalho os não brancos sempre serão subordinados e inferiorizados.

Em uma das minhas entrevistas, Miguel enfatizou que o chefe dele disse que precisava de mais uns dois haitianos para trabalhar. Miguel que tinha vários amigos precisando de emprego conseguiu uma vaga para seu amigo Douglas. Ele mencionou que o chefe disse que precisava de alguém trabalhador que nem ele. Já seu colega de trabalho, Gabriel relata que se pudesse mudar algo em seu emprego seria o peso que ele tem que carregar, cerca de 50kg-60kg que ele joga para dentro do caminhão. Nestas narrativas fica evidente o local que os corpos destes haitianos ocupam nas relações sociais desiguais entre negros e brancos. Fanon (1956) caracterizou este tipo de relação racial como uma “exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro” (p.42). Os estereótipos, a desigualdade e a discriminação se projetam no ambiente e nos postos de trabalho podendo culminar até mesmo em agressões. Uma evidência disto está presente na experiência de Rosana, onde ela menciona episódios de agressão, em que suas colegas de trabalho batiam em suas pernas e pés com carrinhos de metal fazendo de conta que era sem querer.

Casos como este demonstram que a negritude presente nos corpos dos imigrantes haitianos condiciona suas relações nos ambientes de trabalho, estudo e sociabilidade. Há uma projeção de inferioridade sobre a figura do imigrante, principalmente pela herança escravocrata brasileira associada aos seus corpos. Também se cria uma identidade de oposição e uma relação de poder onde o branco aparece como superior.

“O discurso colonial se estrutura na demarcação das diferenças, em uma dinâmica maniqueísta na qual a inferiorização do colonizado/do negro implica, necessariamente, a valorização do colonizador/do

branco apoiando-se na diferença do Outro e no repúdio de si mesma. O Outro, colonizado, jamais foi visto em sua diferença, mas em seu desfalque; em sua ausência de semelhança [...]” (HANDERSON, 2010, p.73).

De fato, como apresentado na fala da estudante Marie, no vídeo produzido pelo NEABI a negritude casou estranheza no contexto de uma população majoritariamente branca no oeste de Santa Catarina. A presença dos imigrantes haitianos, transformados em *outsiders*, diferentes do padrão e do modelo de aceitação daquela comunidade significou um impacto. A diferença em relação ao outro foi marcada principalmente pelo olhar de estranheza e hostilidade. Nas narrativas de que as pessoas não sentavam ao lado de imigrantes no ônibus e nas barreiras criadas nas relações sociais entre os grupos de brancos e não brancos. Esta herança do período colonial e também do processo de colonização, em especial do oeste catarinense, inflige sobre os corpos negros a desumanização e a inferiorização que se projetam nas suas relações e espaços de sociais.

Os imigrantes haitianos irão aparecer em Santa Catarina motivados pela oferta de emprego, e o que podemos verificar é que as relações de trabalho estabelecidas entre não brancos e brancos estão permeadas por relações raciais. Nestas relações também está presente a divisão etnocultural do trabalho baseada nas heranças do período colonial brasileiro, reproduzindo posições hierárquicas étnico raciais onde estes imigrantes são subordinados, estigmatizados e inferiorizados constantemente. Desta forma, torna-se necessário refletir acerca das expectativas destes imigrantes ao decidirem vir para o Brasil e também para o estado de Santa Catarina, bem como, a realidade com a qual se depararam ao chegarem e se estabelecerem nas cidades do oeste catarinense.

3.4 EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO BRASIL: O QUE ESPERAVAM E O QUE O CONCÓRDIA TINHA A OFERECER

Uma constante em minhas entrevistas é de que Santa Catarina e a cidade de Concórdia, são lugares calmos e sem violência. Vários dos entrevistados estiveram em outros estados e cidades do Brasil, bem maiores em quesitos populacionais e

relatam situações de roubo, violência e criminalidade. Embora a maioria deles queira sempre buscar algo melhor, uma cidade maior com mais opções de estudo, trabalho e diversão. Os haitianos mais jovens revelam que em filmes dos Estados Unidos eles assistiam as festas e coisas grandiosas, lá no Haiti eles faziam barulho, festa na rua e a realidade daqui é bem diferente e decepcionante para eles. “Eu estou acostumado a ver nos filmes né, tipo os Estados Unidos e outros país que no final de semana, ou tipo, na festa, é muito legal né. Por isso as vezes eu tenho vontade porque eu não posso ir lá no final de semana, fazer uma festa bem legal? Bem grandiosa. Aí cheguei aqui, é diferente, muito diferente do que você pensava.” (Entrevistado Gabriel, 2018). Além do mais em Concórdia as pessoas são identificadas por eles como muito fechadas e pouco receptivas.

Alguns entrevistados relatam a frustração pois não conseguem conciliar o trabalho e estudar, principalmente em virtude dos horários que fazem na agroindústria, além de estudar ser muito caro. Ajudar a família, pagar aluguel e estudar se tornou impossível. Além do custo de vida no Brasil ser muito alto, principalmente no contexto pós crise. Isto inviabiliza a ação de mandar dinheiro para as famílias no Haiti e, no entanto, algumas famílias dependem disto para sua subsistência no Haiti. “Neste sentido, as famílias serão dependentes à medida que tais recursos sejam predominantemente utilizados para o consumo, a subsistência da família, o pagamento dos gastos correntes com alimentação e educação, por exemplo.” (BAENINGER; MAGALHÃES, 2016, p.233).

Os autores classificam ainda que a economia do Haiti está centrada na importância destas remessas de dinheiro dos imigrantes. Estas remessas irão expandir a capacidade de consumo, financiar a subsistência e criar um vínculo de dependência deste dinheiro enviado pelos familiares que estão trabalhando fora do Haiti. Segundo Baeninger e Magalhães (2016) “A migração ao Brasil, dentro deste contexto, é mais que um projeto individual: trata-se de uma estratégia familiar de manutenção do nível de consumo, dificultado com a intensificação da crise social e econômica pós terremoto.” (p.234)

Um exemplo desta dependência das remessas, é o caso de meu entrevistado Fábio. Apesar de todas as desvantagens de seu emprego relatadas por ele, como não ter tempo para estudar ou sair, e da condição de crise e falta de emprego do Brasil,

ele precisa do emprego. A necessidade da renda proveniente deste emprego para ele e para mandar dinheiro para sua família no Haiti, acaba o mantendo-o em Concórdia e no Brasil. Mesmo que ele queira voltar para o Haiti para estar com seu pai e sua família, ele ainda não tem condições financeiras para arcar com esta escolha.

Na realidade de Santa Catarina, se você quer algo tem que trabalhar, ninguém vai te ajudar. Miguel veio para o Brasil e para Concórdia, buscar uma vida melhor, porque no Haiti não tinha emprego. Abriu mão de todo conforto que tinha e de sua família, para ter um emprego. O que acontece na maioria dos casos é que a centralidade da importância do trabalho e da ascensão financeira para os imigrantes se torna um novo motivador, que irá leva-los a uma nova rota de imigração. A ausência de um trabalho que lhes satisfaça financeiramente e moralmente, bem como a fragilidade econômica brasileira e as demissões originadas com a crise, sinalizam um processo de saída de imigrantes haitianos que estão no Brasil para outros países.

Um de meus entrevistados, teve uma ascensão profissional, Miguel passou de auxiliar de coleta para motorista, entretanto, ele teve como motivação a vergonha que sentia de ser auxiliar. O que quero evidenciar no caso dele, é o fato de que por sentir vergonha da atividade que fazia – auxiliar de coleta de reciclável - ele decidiu fazer sua Carteira Nacional de Habilitação para poder assumir o cargo de motorista. Ou seja, a centralidade da questão não está na ascensão, mas sim na vergonha que ele tinha de desempenhar tal atividade. Ele evidencia que ainda não é o emprego de seus sonhos, mas que estar no cargo de motorista foi o que a empresa lhe permitiu atingir. Daniel, que é colega de trabalho dele relata que eles têm vergonha do serviço que fazem. Inclusive, na época que Miguel entrou na empresa o Brasil já estava em crise, então abrir mão do emprego encontrado se tornou uma possibilidade inviável. Os entrevistados mencionaram que o trabalho que eles fazem aqui no Brasil, no Haiti eles não fariam, aqui o fazem apenas por necessidade e falta de opção. Mesmo que o trabalho que desempenham aqui eles não fariam no Haiti, Miguel, por exemplo, trocou tudo que tinha para ter este emprego, ou seja, mais uma vez a importância de se ter um trabalho é reforçada na realidade dos haitianos imigrantes.

Rosana desabafou que estudou durante 17 anos, e que ela não gostaria de trabalhar lavando louças, mas não tem outras oportunidades. E como ela não quer o mesmo destino para filha dela, ela vai trabalhar para poder proporcionar outras

condições. Inclusive Miguel resolveu fazer um curso técnico de mecânica, pois não pretende ser motorista pro resto de sua vida, pretende ter uma vida e um futuro melhor. Ele avalia que tanto o Brasil quanto o Haiti são bons para se viver, mas no Haiti não tinha emprego. Embora, aqui falte empregos, a situação no Haiti é bem pior.

Uma das frustrações reveladas é de que as pessoas também julgam bastante sem conhecer os haitianos e que no Brasil não há igualdade nas oportunidades. Além do trabalho ocupado por eles não fornecer muitas perspectivas de ascensão de cargo ou salário, acaba condicionando seu estilo de vida a um nível inferior muitas vezes do que tinham no Haiti. Por vezes, imigrantes com ensino superior como no caso de Pamela, ocupam cargos de produção sem perspectiva nenhuma dentro de sua área de formação. Entretanto, no Haiti ela também não conseguia atuar na sua área de formação.

Em Concórdia a realidade encontrada por muitos imigrantes é que não há muitas opções de trabalho para eles. Há vagas quando é para um brasileiro, quando um haitiano se candidata, não tem vaga. Isto demonstra uma posição de poder e privilégio que é ocupada pelos brasileiros e moradores locais em relação aos imigrantes recém-chegados. Mais do que isto expressa as máximas do racismo à brasileira. Onde as práticas racistas encontram-se expressas no cotidiano e por vezes estruturadas e institucionalizadas. Reafirmando o fato de que “A realidade é que um país colonial é um país racista.” (FANON, 1956, p.44)

4 A VIDA NO BRASIL: RACISMO, EXPECTATIVAS FRUSTRADAS E PLANOS PARA O FUTURO

4.1 CRISE NO BRASIL E IMPACTOS SOBRE OS HAITIANOS

Para além das expectativas frustradas dos imigrantes no que diz respeito ao trabalho, em especial tratado no capítulo dois, neste capítulo irei abordar como tem sido a vida dos imigrantes haitianos no Brasil e como a cidade de Concórdia-SC está localizada em meio as suas experiências positivas e negativas com a vida no país. Um dos aspectos mais negativos relatados entre os haitianos é a crise no Brasil e os

impactos em suas vidas, em especial sob a oferta de trabalho. Segundo Ricardo Carneiro (2017), a crise iniciou entre 2011 e 2014 com a desaceleração do crescimento. Neste período ocorreu o aumento da dívida pública, aumento de juros e níveis de inadimplência, juntamente com a desvalorização da moeda brasileira. Neste contexto as empresas não conseguiam superar suas dívidas e ocorreram demissões em massa.

O trabalho é predominantemente o ponto central na vida dos imigrantes que vem para o Brasil, salvo raras exceções que estão no país para estudar. [...] a liberdade é o trabalho, se uma pessoa não trabalha não pode fazer nada [...] (Entrevistada Rosana, 2018). Como mencionado no capítulo dois, a facilitação da entrada de imigrantes haitianos no Brasil vem de encontro com interesses do governo brasileiro. Naquele momento, em meados de 2010 a economia brasileira mostrava sinais de aquecimento, a oferta de emprego era abundante. Com a realização das olimpíadas e da copa do mundo inúmeras estruturas foram construídas para os eventos, necessitando urgentemente de mão de obra no ramo da construção civil. Além disto, os setores da agroindústria também trabalhavam em ritmo acelerado para atender as exportações.

As exportações de carne brasileira para países europeus aumentaram superando a crise de anos anteriores⁷ e demandando mais mão de obra. No entanto, esta mão de obra não conseguia ser suprida pelos brasileiros. Com a presença de imigrantes haitianos no Brasil várias empresas foram “recepcionar” os recém-chegados com promessas de emprego, casa paga pela empresa, comida paga pela empresa e várias outras “vantagens” de trabalho na agroindústria e no ramo de construção civil. Desta forma atraindo inúmeros imigrantes para outros estados brasileiros, em especial para região sul do Brasil que concentra uma boa parcela do ramo produtivo de carne de aves e suínos.

A partir do ano de 2014, no entanto, a economia brasileira começou a demonstrar sinais de instabilidade. O impeachment de Dilma Rousseff contribuiu para o agravamento de uma crise política e econômica no Brasil que persiste até os dias

⁷ “As exportações de carne bovina renderão ao Brasil em 2010 quase 5 bilhões de dólares, com crescimento de 19 por cento ante 2009.” Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/receita-recorde-com-exportacao-de-carne-fica-para-2011-1.html>>. Acesso em: 26 nov. 2018. (SAMORA, 2010).

atuais, o mercado mundial interpretava que o país se encontrava em um momento instável e vários investidores refrearam seus investimentos. A partir deste período várias investigações de corrupção também foram manchetes mundiais, inclusive na super faturação de obras para as olimpíadas, acordos de propina com grandes empresas e fraudes no ramo alimentício.

Deste modo, a maioria das empresas também enfrentava dificuldades financeiras e realizou demissões em grande escala, dificultando inclusive a permanência dos haitianos no Brasil. Entre os anos de 2015 e 2016 com o agravamento da crise, aumento do custo de vida, falta de empregos e dificuldades de permanência, novas ondas de saída de imigrantes haitianos do Brasil se formam. “Já em 2015, mas principalmente no início do ano passado, a crise econômica brasileira gerou um movimento de saída de haitianos, tendo Estados Unidos e Chile como destinos preferenciais.” (SUGIMOTO, 2017).

Nas entrevistas que realizei foi unânime a insatisfação com a falta de empregos e com a situação da crise brasileira. As expectativas que tinham em relação ao Brasil eram de que pudessem ter uma condição de vida melhor e não passar pelas mesmas dificuldades de falta de emprego que passaram no Haiti. No entanto, segundo dados do levantamento feito com base nos dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mencionados em uma reportagem, atualmente “A taxa de desemprego no Brasil em 2017 foi a segunda maior de toda a América Latina, atrás apenas do Haiti [...]” (G1, 2018). Equiparando, dessa maneira, os dois países no quesito de oferta de trabalho.

Boa parte dos meus entrevistados foi atraída para o Brasil pelo discurso de amigos e conhecidos que falavam das oportunidades de emprego no Brasil, que em comparação com a situação de crise do Haiti era bem melhor. Entretanto, o discurso repassado e a realidade encontrada eram contrastantes. A mídia também contribuía para projetar uma imagem de Brasil para eles, como país do futebol, do carnaval, um país acolhedor e de portas abertas para os imigrantes. Principalmente após a institucionalização do visto humanitário para haitianos no país.

Entretanto, o que eles encontraram aqui no Brasil foram ramos limitados de atuação. Em um primeiro momento, eles só tinham um local para trabalhar – a agroindústria –. No oeste de Santa Catarina, e mais especificamente em Concórdia,

os relatos são de que o único lugar que emprega os haitianos é a BRF. Após algum período é que outras empresas passam a acolher a mão de obra imigrante, como a cooperativa Copérdia e o supermercado Caitá mencionados em minhas entrevistas. As funções geralmente ocupadas por eles são operacionais e com remuneração que não chega à dois salários mínimos.

Nos relatos dos meus entrevistados o que mais ficou evidente foi a falta de abertura do mercado de trabalho para os imigrantes, seja por questões linguísticas, ausência de formação específica exigida, dificuldade de validação de diplomas e inquestionavelmente por questões raciais e xenofóbicas. Além disto, a crise também aparece na fala de alguns entrevistados. A dificuldade de mandar dinheiro para os familiares, a impossibilidade de trazer filhos e a família para o Brasil, são alguns dos relatos dos haitianos sobre como a crise afetou suas vidas.

O custo de vida aumentou impossibilitando que mandassem a mesma remessa de dinheiro para o Haiti. Os turnos de suas jornadas de trabalho também não permitem com que eles cuidem de filhos pequenos, além das dificuldades econômicas que não permitiriam manter uma criança no momento. Há também relatos de que no início quando chegaram ao Brasil conseguiram emprego em menos de duas semanas e atualmente possuem familiares que estão a mais de seis meses desempregados.

Assim, o trabalho, ou a ausência dele, é o que dinamiza o processo migratório. O imigrante vai onde a sua existência se faz necessária, ou seja, onde o trabalho está disponível para ele. Percebemos isso, também, na dinâmica do deslocamento dos haitianos no território brasileiro. Vão aonde está o trabalho.”(NOGUEIRA, p.137, 2017.).

O trabalho é o que motivou a saída do Haiti “Lá no Haiti falta empresa, falta emprego. Por isso a maioria dos jovens que vem aqui, vem pra trabalhar” (Entrevistado Gabriel, 2018). E a oferta de trabalho também é o que motivou os fluxos migratórios dentro do Brasil para diferentes estados e em Santa Catarina para diferentes cidades da região. Quando a Globo Aves localizada em Lindóia do Sul-SC fechou, por exemplo, vários imigrantes haitianos que trabalhavam lá foram para outras

idades do oeste movidos pela oferta de trabalho, como nos casos de Ronaldo e Fábio. E será o trabalho, ou no caso a ausência deste que fará estes haitianos migrarem novamente para outros países ou de volta para o Haiti. Para além do trabalho, que sem dúvida é uma questão central nesta pesquisa, as experiências positivas e negativas dos imigrantes também motivam sua partida e é o que irei abordar no próximo item.

4.2 EXPERIÊNCIAS NO BRASIL: POSITIVAS E NEGATIVAS

Embora a crise brasileira tenha produzido vários impactos na vida dos haitianos, além dela, a experiência vivida é permeada por aspectos positivos e negativos. A partir do momento que já consideramos que o trabalho é aspecto central na vida do imigrante haitiano, os reflexos da crise sobre a oferta de trabalho atingem diretamente sua permanência e provocam novos fluxos migratórios. Portanto, é necessário considerar as experiências destes imigrantes neste contexto e em que medida elas contribuíram para sua permanência ou não na cidade de Concórdia.

Deste modo, o trabalho por ser de fundamental importância na vida dos haitianos lhes confere momentos bons e ruins. Fica evidente, no entanto, que majoritariamente meus entrevistados não estão satisfeitos com seu trabalho. Entretanto, o fato de estarem empregados é visto como um avanço, levando em consideração a situação que se encontravam no Haiti. Este avanço fica evidenciado na fala de Gabriel (2018) “eu vou fala uma coisa pra ti, na minha terra não tem tanto emprego”, este aspecto positivo da oferta de emprego aparece quando questionei acerca do que ele achava melhor ou pior entre o Brasil e o Haiti. O mesmo aspecto aparece na fala de Santiago (2018) “você sabe como Haiti está, um país fraco de emprego, falta emprego.”. A situação também é contraditória pois os trabalhos que exercem no Brasil geralmente eles não aceitariam realizar no Haiti. No entanto, ter um trabalho é importante, pois além de se manterem em um país estrangeiro, algumas de suas famílias dependem de sua ajuda financeira.

A ajuda financeira intermediada pelos imigrantes haitianos que estão no Brasil aparece ao mesmo tempo como um ponto positivo e negativo da vida no Brasil. No

início quando chegaram, com a economia aquecida era possível ajudar os familiares que ficaram no Haiti. Atualmente, com a crise econômica e política do país, bem como as demissões e o aumento do custo de vida acabam impedindo este auxílio. Este tipo de consequência originada pela crise no Brasil tem frustrado inúmeros imigrantes e feito cogitarem viverem em outros países. Caso que fica evidente no relato do entrevistado Miguel (2018) “eu não vou mentir, porque aqui dificilmente um haitiano fica né. A maioria dos haitianos que vieram pra cá, eles têm filho e é muito difícil pra eles, entendeu? Porque pode até ganhar 2 mil reais, mas não vale a pena. Em 2016 quando eu cheguei muitos deles deixaram o trabalho e foram pra Estados Unidos.”

Alguns fatores positivos fazem com que estas situações sejam contornadas. Dentre eles, a rede de amigos e colegas de trabalho se mostram como pilares na vida dos imigrantes. Entre meus entrevistados os amigos foram geralmente quem os apresentou para seus supervisores nas empresas, lhes indicou no trabalho ou informou das oportunidades de emprego. Forma-se uma rede de solidariedade entre os imigrantes no que diz respeito as situações vivenciadas e compartilhadas por eles. As dificuldades de arrumar um emprego, alugar uma casa ou providenciar as documentações são o que unem haitianos desconhecidos em uma rede de amizade e ajuda mútua. Geralmente estas amizades também se estendem dentro dos vínculos de trabalho. Onde há relatos de parceria, companheirismo e ajuda entre imigrantes haitianos e alguns brasileiros. A importância destes vínculos se estende ainda para as novas oportunidades de empregos. Onde houverem novas e melhores oportunidades de trabalho é para onde os imigrantes irão seguir, avisando sempre os amigos que fizeram durante o percurso.

Outro aspecto positivo recorrente é o crescimento pessoal, em especial dos mais jovens. Os relatos de crescimento pessoal e amadurecimento são marcantes. Alguns de meus entrevistados tem o Brasil como primeira experiência de viver fora de casa e em outro país. Tudo que vivenciaram aqui foi pela primeira vez, a questão do visto, da viagem, da linguagem, do aluguel e do trabalho. Em virtude da facilidade de entrada no país e atraídos pelas oportunidades propagadas nas redes de amigos eles acabaram vindo para o Brasil. Entretanto, se frustraram com o que encontraram aqui.

As expectativas criadas pelos jovens eram de bons empregos, um bom lugar para morar, algumas festas, poder adquirir um carro e outros produtos. A expectativa

de se assemelhar a realidade dos amigos que foram para os Estados Unidos foram frustradas diante da realidade brasileira. “Quando você chegar aqui, você vai ver que o que você pensava não é, não é isso mesmo.” (Entrevistado Gabriel, 2018). Embora, o oeste de Santa Catarina seja elogiado por eles como um local sem violência, um lugar tranquilo e que muitos gostam de morar, também aparece como um lugar sem muitas opções de entretenimento e lazer. Além disso, a falta de receptividade dos brasileiros é uma queixa constante entre os haitianos. No que diz respeito as atividades de lazer dos meus entrevistados, boa parte deles saem pouco. Sua rotina se resume em trabalhar, estar em casa e ir à igreja – Assembleia de Deus, na maioria dos casos semelhante à que frequentavam no Haiti -.

As diferenças culturais aparecem como um aspecto negativo para meus entrevistados, fazendo com que não se sintam pertencentes ao local onde estão e com que desejem retornar ao seu local de origem. Para Hall (2003) a diáspora se define em conhecer intimamente o lugar, é um limítrofe entre pertencer ao lugar e ao mesmo tempo compartilhar do sentimento que não pertence a nenhum lugar, nem de onde saiu e nem aonde está. É um complexo sentimento de perda, exílio e de uma relação complexa entre pertencer e não pertencer aos lugares onde esteve e está. As condições climáticas também não lhe são familiares e nem acolhedoras. Tão frio quanto o inverno no Brasil, são as pessoas que não são receptivas com a presença dos imigrantes em Concórdia.

Inclusive no ambiente de trabalho houveram situações de desentendimento e falta de receptividade. Em um dos casos minha entrevistada passou a se questionar por que razão suas colegas não gostavam dela. As experiências negativas com colegas de trabalho são ignoradas pela maioria dos haitianos, mas muitas vezes elas acabam originando situações de conflito dentro e fora do ambiente de trabalho. Na entrevista de Maria, ela mencionou que as suas colegas de trabalho de origem italiana e alemã tratavam mal as haitianas no vestiário feminino da empresa.

Estas situações de discriminação racial são relatos recorrentes dos imigrantes em relação a situações que sofrem no trabalho. Entretanto, não há nenhuma resolução por parte das empresas na maioria das vezes. O racismo se consolida e se institucionaliza através do descaso por parte dos responsáveis. Situações como estas vivenciadas na vida de inúmeros imigrantes haitianos também se constituem em fortes

motivadores de retorno ao Haiti ou de destino a outros países. Isto não significa que estarão isentos em outros países, é claro, mas também não significa que tenham que ficar em um lugar no qual não são bem recebidos e não vivem com a dignidade humana que lhes é de direito.

Na entrevista com Rosana, ela mencionou um fato que aconteceu na escola de sua filha. Sua filha e uma colega acabaram brigando, se agrediram fisicamente. A mãe relata que a brasileira não deixava sua filha brincar e este foi o motivo da briga, no entanto, a mãe da brasileira preferiu trocar a filha de horário quando soube que a menina estudava com uma haitiana. Além disto, em um episódio relatado por Ronaldo, ele conta que se relacionou com uma brasileira. Durante este relacionamento ela o ajudou no Brasil, em especial com a língua portuguesa. Entretanto, ela informou que não poderia apresentá-lo aos pais dela pois eles não aceitariam a relação. Descendentes de origem alemã e italiana eles eram preconceituosos e não aceitariam que sua filha namorasse uma pessoa negra.

Situações como as mencionadas acima, vividas pelos imigrantes haitianos e seus familiares são experiências extremamente negativas de sua vida no Brasil e no oeste de Santa Catarina. O fato mais grave referente as experiências negativas dos imigrantes é que a maioria dos relatos da conta de que estas envolvem episódios racistas e xenofóbicos. Alguns destes relatos sobre a cidade de Chapecó aparecem nas falas dos entrevistados de Oliveira (2017), onde os haitianos são chamados de macacos, haitianos de merda, há relatos de pessoas que evitam sentar perto deles no transporte coletivo e até mesmo atendê-los em lojas em virtude de sua cor.

Fica evidente a tentativa do grupo *estabelecido* dos brasileiros, de evitar e estigmatizar o grupo de *outsiders* estrangeiros. Ao evitar o contato e procurar evitar o contato de seus familiares com os imigrantes, eles mantêm o domínio nesta relação desigual. Ou seja, o ambiente hostil das cidades de Chapecó e Concórdia não promove a interação desses imigrantes em espaços de sociabilidade e trabalho, afinal, os sujeitos brancos precisam manter seus privilégios.

Na realidade estes fatos são a expressão do que a autora Schucman (2012) denomina de construção ideológica de poder, onde os brancos irão assumir que a sua identidade e suas características são normativas. Ou seja, todo e qualquer grupo ou indivíduo que não se caracterize como branco estará sujeito à exclusão,

marginalização e inferiorização pela relação de poder exercida nestas relações. Deste modo, torna-se necessário entender também o contexto do racismo na sociedade brasileira atual, para que possamos entender como o racismo e a branquitude vem se expressando nestas relações com os imigrantes haitianos.

4.3 RELAÇÃO COM A CIDADE E EXPECTATIVAS FUTURAS: RACISMO E BRANQUITUDE

Ao iniciar a discussão sobre como o racismo permeia a vida dos imigrantes haitianos na atualidade e suas e suas formas de sociabilidade é necessário falar sobre raça. O conceito de raça criado no século XIX fazia referências às teorias evolucionistas, deterministas e biológicas da época. O autor Kabengele Munanga (2003) relata que o conceito era utilizado inicialmente na botânica e zoologia para classificar espécies animais e vegetais. Já sua origem do latim estava atrelada a descendência e linhagem. Segundo ele, é em 1684 é que o conceito de raça atrelado a ideia de um sangue “puro” emerge.

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. (MUNANGA, 2003, p.2)

Portanto, a raça passou a adotar um conjunto de características físicas comuns dos grupos de indivíduos – a cor de sua pele, seu nariz, cabelo, formato do rosto e outras características físicas – para classificá-los.

Na intenção dos biólogos de classificarem a humanidade em raças, estes acabaram criando espaço para a legitimação do racismo. O racismo se constituiu

enquanto uma construção ideológica, principalmente a partir de valores da população branca europeia da época, sua estrutura se firmava sobre o conceito de raça explicitado acima e promovia desigualdades sociais. Guimarães (1999) irá dizer inclusive que o racismo era uma forma de justificar estas desigualdades, como se fossem naturais em virtude das diferenças entre raças.

As teorias do determinismo biológico só enfraqueceram em meados do século XX, quando cientistas demonstraram provas de que os preceitos biológicos para diferenciação de raças não se aplicam, uma vez que a genética não garante a classificação da humanidade em raças. Entretanto, como toda construção ideológica com o passar do tempo o racismo irá se resignificar permanecendo na atualidade em novas formas. Porém, mesmo que o racismo e o conceito de raça adotem novas construções eles carregam consigo a herança geneticista das desigualdades pautadas em questões biológicas. Guimarães (1999) irá mencionar que essa resignificação é que define os privilégios da sociedade moderna.

Neste momento da história o racismo no Brasil se apresenta com uma máscara através da falsa democracia racial. O racismo transpassa as mais diversas formas de relações na atualidade algumas vezes de forma sutil, outras vezes de formas explícitas. É preciso considerar também que na história do Brasil o branqueamento e a falsa democracia racial brasileira acobertavam as desigualdades raciais vividas no país. Além disto, a mestiçagem positivada na ideia de democracia racial era condenada veementemente entre os brasileiros na época com o discurso de degeneração racial. Demonstrando assim a [...] ideia de que há uma raça superior (branco europeia) detentora da superioridade física, moral, intelectual e estética [...] (SCHUCMAN, 2012, p.35)

Este trabalho foi pensado principalmente a partir da pichação de um ponto de ônibus na comunidade de Barra Seca, onde estava descrito “Fora gorilas Haitianos de Concórdia” acompanhado de uma insígnia nazista. É em meio desta construção ideológica que considera que uma raça é superior a outra que este trabalho se desenvolveu, principalmente para problematizar as relações raciais existentes e resignificadas no contexto atual da modernidade a partir dos fluxos migratórios.

Imagem 1 - Ponto de ônibus



Fonte: Atual FM (2016).

A pichação é neste caso, a expressão de um grupo de indivíduos que partilham dos mesmos valores e crenças, sendo uma expressão máxima do poder branco e da negação da humanidade dos haitianos citados. Consideram que com base na cor e no conceito de raça, os indivíduos devem ocupar determinados lugares na sociedade. O espaço geográfico da cidade de Concórdia também está atrelado a uma noção de propriedade para eles, onde o grupo de brancos é dominante. Portanto, o grupo *outsider* deve ser marginalizado e expulso do espaço deles. Para além disto, os imigrantes haitianos são estereotipados quando são relacionados aos gorilas. E segundo Hall (2016), a estereotipagem consiste em uma prática de produção de significados e representa a diferença racial. Deste modo, os estereótipos reduzem estes indivíduos as suas características físicas. “A estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”.” (HALL, 2016, p.191)

Neste sentido, o autor menciona que os estereótipos dividem as coisas em normais e anormais, em aceitável e inaceitável. E simbolicamente os estereótipos fixam limites e exclui o que não lhe pertence – não se encaixa na sua identidade aceitável -. Portanto, ela geralmente irá acontecer onde há desigualdade de poder. Portanto, verificamos a redução e simplificação das características dos corpos dos

haitianos que são estereotipados e excluídos na relação de poder com o grupo de brancos.

Mais grave que tudo isto é a utilização da insígnia nazista que acompanha a pichação. Um lembrete das desigualdades raciais e as atrocidades cometidas em prol da eugenia de Hitler. Este grupo de indivíduos adota uma posição em que coloca os haitianos como parte de uma raça degenerada e que merece ser expulsa e ainda pior, extinta. Esta expressão é tão grave pois considera que estes indivíduos não são dignos do direito à vida e a inviolabilidade de seus corpos.

Podemos afirmar que uma onda neonazista está fortemente presente em Santa Catarina e nos outros estados brasileiros. Inclusive, na reportagem da jornalista Karol Gomes (2018), Santa Catarina aparece como um dos estados que mais baixa conteúdo nazista na internet, sendo cerca de 45 mil usuários. Os grupos neonazistas estão presentes em todos os estados, organizados com distribuição de materiais e planejamento de ataques, mesmo que a apologia ao nazismo e estes tipos de associação, bem como o racismo sejam considerados crimes perante a legislação.

Entretanto, após a vinculação destas notícias nas rádios de Concórdia não houve nenhum posicionamento por parte do governo do município. Desta forma, legitimando através de um racismo institucional as ações destes grupos e corroborando com a impunidades destes crimes que geram sensação de insegurança para os grupos de imigrantes e demais minorias. O silenciamento por parte dos poderes estatais, uma vez que as pichações permanecem onde estão, diz muito a respeito de como a maioria da população se representa e da importância dada ao acontecimento, onde o grupo branco se estabelece mais uma vez em uma posição privilegiada. Branquitude esta que é reafirmada na atualidade, mediante as heranças do processo de colonização do oeste catarinense, tal qual explicitado no início deste trabalho, onde os valores e a cultura eurocêntrica são sempre reivindicados e hipervalorizados.

Esses aspectos permeiam a relação dos imigrantes haitianos com a cidade e com a população concordiense. Uma relação marcada pela exclusão, marginalização, ausência de contato e diálogo, racismo e xenofobia. No relato de Ronaldo, ele evidencia que Concórdia tem bastante pessoas racistas que não gostam de estrangeiros. “essa cidade tem bastante pessoas que são racistas, as pessoas não

falam com a gente na rua”. Desta forma podemos considerar que [...] o racismo e a experiência deste integram o conjunto de vivências dos indivíduos negros ao longo da história. (SCHUCMAN, 2012, p.40).

Quando questionados sobre as atividades de lazer que realizam no tempo livre, se passeiam pela cidade ou se saem com os amigos, a maioria de meus entrevistados resumiu sua vida particular em trabalhar e cuidar da casa. O relato comum é que todos procuram frequentar a igreja, um dos ambientes em que se sentem aceitos e confortáveis. Gabriel mencionou que seus amigos lhe avisaram que aqui as pessoas não se acostumam com outra raça, com imigrantes e por isso ele devia tomar cuidado. Deste modo, ele evita sair de casa pois sabe como as pessoas reagem a sua presença, com estranheza e hostilidade.

Meus entrevistados contaram que no ambiente de trabalho os brasileiros evitam falar com eles, limitando sua interação ao estritamente necessário. Por vezes, quando estão na rua as pessoas atravessam para o outro lado quando veem um haitiano. Rosana disse que percebem no gesto, no olhar destas pessoas da rua o preconceito. “Tem gente que não sei, por causa da minha cor... preto ou negro, é racista com nós, com os haitianos de Concórdia”. (Entrevistado Ronaldo, 2018). Quando Ronaldo menciona que as pessoas são racistas por causa de sua cor, ele está afirmando o que Guimarães (2003) considerou, que a cor é orientada pelo conceito de raça, remetendo a características genéticas e, portanto, afirmando a existência de uma hierarquia racial.

A estrutura da sociedade constituída no oeste catarinense ressalta as características da população branca e a sua origem europeia como um padrão a ser seguido o que eleva estes indivíduos na hierarquia social. Schucman (2012) menciona que além do branco ocupar um lugar de privilégio na estrutura racializada, ele também é ativo nesta estrutura mediante formação de mecanismos de discriminação e discursos que reproduzem as desigualdades sociais mantendo sua posição na hierarquia social.

A estigmatização dos imigrantes surge como um contraste em relação aos elementos positivos considerados características do grupo branco no oeste de Santa Catarina. A representação do imigrante haitiano como preguiçoso e que não trabalha está presente nos discursos dos moradores locais em torno dos novos moradores em

contraste à virtude do trabalho sempre associada ao europeu desbravador a fim de estigmatizar e inferiorizar os não brancos nestas relações. Desta forma se expressam as relações de poder, através da inferiorização do outro, tal qual na obra de Elias e Scotson (2000). E para além das relações de poder, também fica evidente as novas formas de legitimação do racismo na atualidade, como considera a autora:

Portanto, não há necessidade do conceito de raça legitimado pela ciência para que haja racismo, e é isto que explica a permanência do racismo na atualidade, pois se transformaram as formas de legitimação social e discurso sobre as diferenças humanas, bem como os mecanismos que mantêm as posições de poder entre brancos e não brancos. (SCHUCMAN, 2012, p.43)

Esta inferiorização ocorreu também na pichação onde os imigrantes haitianos são racializados e estigmatizados pela sua cor. Sendo assim, simbolicamente expulsos da cidade e caracterizando uma expressão do desejo do grupo de brancos de que estes desapareçam. Além disto, os privilégios ocupados pela branquitude também se reproduzem no Haiti “Lá no Haiti as pessoas brancas são as mais ricas, eles têm empresa, tem tudo. Os pretos são os que tão precisando de trabalho. Acontece isto lá no Haiti também” (Entrevistado Gabriel, 2018). Esta construção ideológica e histórica que é a branquitude confere aos indivíduos privilégios econômicos e sociais, nas mais diversas formas de relações existentes entre os brancos e não brancos.

Estes privilégios se fazem presente em todas as formas de sociabilidade e no caso dos haitianos se sobressaltam no ambiente de relações de trabalho. Pamela afirmou que quando acontece algo de errado no trabalho os primeiros a serem responsabilizados são os haitianos e não os brasileiros. No que diz respeito à oferta de trabalho e moradia, as relações de desigualdade racial ficam explícitas quando um imigrante tenta alugar um imóvel ou se candidatar à uma vaga de emprego. Deste modo, “É preciso procurar incansavelmente as repercussões do racismo em todos os níveis de sociabilidade”. (FANON, 1956, p.40).

Quando questionados sobre o conhecimento da existência da pichação a maioria de meus entrevistados não estava ciente daquela manifestação. Também a maioria deles adotou uma postura autoconfiante de que aquela manifestação racista,

neonazista e xenofóbica não lhes afetava. Entretanto, alguns se sentiram visivelmente incrédulos e incomodados com a situação. Fábio mencionou que estas pessoas pensam serem as melhores do mundo, como se o outro não valesse nada. Novamente explicitando a relação hierárquica de poder entre *estabelecidos* e *outsiders*. “Ser branco e ocupar o lugar simbólico de branquitude não é algo estabelecido por questões apenas genéticas, mas sobretudo por posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam”. (SCHUCMAN, 2012, p.23).

Miguel mencionou que a cidade de Concórdia não é só para os brasileiros ou só para os haitianos. Que ele pode morar em qualquer lugar do mundo, pois o mundo não tem dono. Certamente o mundo não é propriedade de ninguém, entretanto, os privilégio e posições ocupadas nele infelizmente são. São construídas socialmente e ideologicamente por um grupo determinado de indivíduos que através de discursos e mecanismos de poder se perpetuam nas posições mais privilegiadas até os dias atuais.

E por estas questões, a inferiorização, o racismo velado e violento, a falta de empregos no contexto pós crise e as desigualdades sofridas é que novas ondas de imigração de haitianos para fora do país se desenham. Cansados de serem estigmatizados e humilhados, de sentirem seus corpos sendo observados e verem no olhar e nos gestos das pessoas a racialização de seus corpos, que muitos de meus entrevistados pensam em deixar o Brasil.

Os planos de meus entrevistados são de retornar para o Haiti ou ir para outros países, a mobilidade constante emerge como uma característica fundamental nestes casos. O trabalho e sua oferta são sem dúvida alguma os maiores motivadores de seus planos e expectativas para o futuro. E um país que não pode mais lhes ofertar postos de trabalho, não cabe mais nos seus planos de futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa procuramos investigar as relações sociais entre brasileiros e estrangeiros, mapeando estas no âmbito do trabalho, sociabilidade e relações com a cidade. Desta maneira investigamos as motivações para estarem residindo na cidade de Concórdia-SC e verificamos as relações de poder existentes nos ambientes de convívio entre os dois grupos. Inicialmente realizou-se uma retomada da história do estado de Santa Catarina, para podermos compreender melhor as construções simbólicas e discursivas que permanecem na atualidade.

A história do oeste catarinense sem dúvida alguma foi fundamental na construção de um imaginário e de um discurso acerca de Santa Catarina. Seu processo de construção histórica, pautado nas disputas territoriais e nas relações de poder provocou inúmeros processos de expulsão e dizimação. Em meio a todos estes conflitos emergiu uma identidade e um discurso de um povo imigrante, de origem europeia que desbravou e trouxe o progresso para os espaços remotos do Brasil. Todas estas novas relações que se estabeleceram entre imigrantes de origem europeia e brasileiros durante este processo, modificaram a economia, o trabalho e aspectos culturais e identitários dos grupos.

E foi justamente a partir destas relações que se reforçavam espaços distintos para indivíduos negros e brancos no estado, onde o grupo de brancos vem sendo historicamente privilegiado. A população do estado, majoritariamente branca, procurou inclusive apagar a presença negra em Santa Catarina. Este processo de invisibilização do outro, se constitui enquanto um mecanismo de poder utilizado pelo grupo de brancos para perpetuar sua posição de privilégio e prestígios.

Deste modo, foi necessário pensar como os imigrantes haitianos foram recebidos em um universo permeado pelos contextos explicitados acima. Onde a cor e a raça figuravam locais de pertencimento e estranhamento por parte do grupo branco. Onde os indivíduos que não se encaixavam nos padrões pré-estabelecidos da identidade do oeste catarinense eram excluídos e subalternizados. Desta maneira, identifiquei inúmeros relatos de discriminação e desigualdades sofridas pelos imigrantes. O ideal branco europeu e a supervalorização do imigrante branco constituíram no imaginário uma identidade pautada na branquitude.

Um elemento importante elencado durante este trabalho diz respeito ao longo processo de fluxos de migração que fazem parte da vida dos haitianos, ou seja, o ato de migrar não é um fato recente. Entretanto, o surgimento do Brasil enquanto rota para os haitianos se deu pela facilidade de entrada no país, configurada a partir da aprovação de instrumentos jurídicos. Cabe salientar que a abertura nacional para imigração é fruto de interesses nacionais de cunho político e econômico. Era de interesse da nação a mão de obra de inúmeros imigrantes tendo em vista a economia aquecida e o aumento dos postos de trabalho ofertados. Entretanto, as dificuldades encontradas no Brasil frustraram as expectativas criadas e propagadas pelo governo brasileiro e pela mídia internacional.

O estado de Santa Catarina apareceu como destino de inúmeros imigrantes durante o quarto fluxo de imigração, em virtude da oferta de trabalho e recrutamento de empresas praticado nas cidades de chegada dos imigrantes. Entretanto, podemos verificar que os haitianos se encontram predominantemente em cargos que exigem força física, baixa escolaridade e mão de obra não qualificada. Exercendo atividades no ramo da construção civil e nas agroindústrias.

Mesmo ocupando as piores funções dos processos produtivos, a oferta de trabalho é predominantemente o motivo pelo qual escolhem Santa Catarina, e no caso de meus entrevistados, a cidade de Concórdia. Verificamos que há a reprodução da hierarquia étnico racial herdada do colonialismo traduzida nas posições ocupadas no trabalho, sendo estas subordinadas e inferiores. Além disto, o espaço de trabalho se define por ser um espaço de exclusão constante dos imigrantes, bem como, sua desumanização e inferiorização. Nestes espaços eles são tratados com estranheza e insignificância, sofrendo agressões verbais, psicológicas e até mesmo físicas.

O trabalho, no entanto, não foi o único fator que decepcionou as expectativas dos imigrantes haitianos. As pessoas pouco receptivas e a falta de opções de lazer na cidade também foram frustrações elencadas durante as entrevistas. Os impactos da crise brasileira, o desemprego e a dependência de remessas dos familiares que ficaram no Haiti foram fatores que complicaram a permanência no Brasil, levando vários imigrantes a retornarem ao Haiti ou procurarem outros países para trabalhar.

As opções limitadas de atuação, o custo do aluguel e as dificuldades de alugar um imóvel, bem como o alto valor para custear cursos profissionalizantes também

foram relatados como aspectos negativos da vivência no Brasil. Fica fixado nas relações de trabalho, sociabilidade e nas relações com a cidade o lugar do branco e do negro. Os relatos da dificuldade de conseguir aluguel pelo fato de serem negros e estrangeiros, bem como, a dificuldade de encontrar emprego são fatos evidentes das relações raciais desiguais estabelecidas no contexto desta pesquisa.

Os estigmas e estereótipos criados para evitar que os estrangeiros entrem em contato com os brasileiros também configuram um mecanismo de perpetuação de domínio nas posições de privilégio e nas relações de poder entre brancos e não brancos. Nesta construção ideológica de poder é que os brancos assumem uma identidade que se torna normativa e que fixam o que é considerado aceitável ou não nos limites das relações sociais em que os haitianos estão inseridos. E a partir de episódios como o da pichação é que se expressam as máximas do poder branco, negando a humanidade dos imigrantes haitianos, racializando e estereotipando seus corpos. Deste modo, perpetuando e ressignificando privilégios simbólicos presentes em todas as formas de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

SOARES, Claudete Gomes; ANDREOLA, Neuri José. **Branquitude e representações sobre imigrantes haitianos no oeste catarinense**. Revista temática. 2018

ANDREOLA, Neuri. **Os brasileiros e os estrangeiros**: as relações de sociabilidade entre o grupo de brancos e o grupo de negros “em um bairro de Chapecó. Monografia em licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2015.

ATUAL FM. **Intolerância: “Fora Gorilas Haitianos de Concórdia” diz frase escrita em parada de ônibus**. Publicado em 08 jun 2016. Disponível em: < <http://www.atualfm.com.br/site/intolerancia-fora-gorilas-haitianos-de-concordia-diz-frase-escrita-em-parada-de-onibus/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BBC NEWS. **Dilma diz que haitianos são bem-vindos no Brasil, mas condena ação de coiotes**. Publicado em 1 fev. 2012. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/02/120131_haiti_dilma_jf.shtml>. Acesso em: 22 out. 2018.

BELLANI, Eli Maria. **Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950)**. Artigo publicado nos Cadernos do CEOM, v. 3 n. 4 (1998) Disponível em: < <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2309/1387> >.

BORDIGNON, Sandra de A. F. **Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não escolares no Oeste Catarinense**. Dissertação (mestrado em educação) universidade Comunitária de Chapecó, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução Normativa CNlg nº 97 de 12/01/2012**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 13 jan. 2012. Disponível em: <<https://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelink.php?numlink=225206>>. Acesso em: 18 set. 2018.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Em busca de um fantasma: as populações de origem africana em desterro, Florianópolis, de 1860 a 1888**. Publicado em: Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos (encerrada).v. 1, n. 2 (2010). Disponível em:

<<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/view/143>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CARNEIRO, Ricardo. **Economia Análise Crise econômica: como chegamos aqui e como superá-la.** Publicado 30/01/2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/crise-economica-como-chegamos-ate-aqui-e-como-supera-la>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

CONARE – Comitê Nacional para Refugiados. **Refúgio em números – 3ª Edição (2018).**

DATAPEDIA. **Datapedia em Concórdia – SC: Etnias.** Disponível em: <<https://www.datapedia.info/public/cidade/2572/sc/concordia#mapa>>. Acesso em: 09 set. 2017.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L; RIBEIRO, Vera (Tradutor). **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FANON, Frantz. **Segunda Parte: Racismo e Cultura.** In: Em defesa da Revolução Africana. Texto da intervenção de Frantz Fanon no I.º Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris, em Setembro de 1956. Publicado no número especial de Présence Africaine, de Junho - Novembro de 1956. p.35-48. Disponível em: <http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/racismo-e-cultura_Frantz-Fanon.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

FERNANDES, D. CASTRO, M.C.G. **Projeto: Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral.** Belo Horizonte, 2014.
G1. **Na América Latina, só Haiti tem desemprego maior que o Brasil, aponta pesquisa: Levantamento foi feito com base em dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT).** Publicado em 14 set 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/09/14/na-america-latina-so-haiti-tem-desemprego-maior-que-o-brasil-aponta-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 20 set. 2018.

GROSFOGUEL, Ramón. **Migrantes coloniales caribeños en los centros metropolitanos del sistema-mundo: Los casos de Estados Unidos, Francia, los Países Bajos y el Reino Unido.** Barcelona, jun. de 2007.

GUIMARÃES, A. S. A. **Como trabalhar com “raça” em sociologia.** Educação e pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p.93-107, jan./jun. 2003.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. 34. (1999).

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2003.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HANDERSON, J. Diáspora. **As Dinâmicas da Mobilidade Haitiana no Brasil, No Suriname e Na Guiana Francesa.** Tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: Identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano.** 2010. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2010.

IBGE. **Brasil, Santa Catarina: Cunhataí.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/cunhatai/pesquisa/23/22107>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

KUTZKE, Letícia. **Haitianos em Concórdia (SC).** — São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2016.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade.** Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti.** 2017. 1 recurso online (355 p.). Tese (doutorado) - Universidade

Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322136?mode=full>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **O Haiti é Aqui: Sub Imperialismo Brasileiro e Imigrantes Haitianos em Santa Catarina – SC**. REBELA, v.5, n.1. jan./mar. 2015.

MAGALHÃES, Luís Felipe; BAENINGER, Rosana. **Imigração haitiana no estado de Santa Catarina: fases do fluxo e contradições da inserção laboral**. GT Migração. Blucher Social Sciences Proceedings. Janeiro de 2016 – Volume 2, número 2.

GOMES, Karol. **Meio Norte: SC é o Estado que mais baixa conteúdos neonazistas na internet: Pesquisadora estima que há 42 mil simpatizantes da ideologia no RS**. Publicado em 24 set 2018. Disponível em: <<https://www.meionorte.com/noticias/rs-e-o-2-estado-que-mais-baixa-conteudos-neonazistas-na-internet-345656>>. Acesso em: 20 out. 2018.

METZNER, Tobías. **La migración haitiana hacia Brasil: estudio en el país de origen**. IN: Cuadernos Migratorios N° 6, La migración haitiana hacia Brasil: Características, oportunidades y desafíos. Janeiro de 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raca, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

NOGUEIRA, Fabiana Bezerra. **Dèyè mòn, gen mòn: a imigração Haitiana no Brasil – Relatos do Vivido**. São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Camila Gomes de; DURÃES, Marilene Gomes. **A condição jurídica dos haitianos no Brasil: análise da Resolução Normativa 97/2012 do CNIG**. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=6e99ed46f817de00>>. Acesso em: 22 out 2018.

OLIVEIRA, Eliziane Tamanho de. **Branquitude e poder nas relações entre moradores locais e imigrantes haitianos: falando de raça no oeste catarinense**.

Monografia em licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017.

PREFEITURA DE CONCÓRDIA. Município de Concórdia, Portal do cidadão: **A Economia geral**. Disponível em: <<https://concordia.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/6>>. Acesso em: 09 set. 2017.

PREFEITURA DE CONCÓRDIA. Município de Concórdia, Portal do cidadão: **Localização**. Disponível em: <<https://concordia.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/8>>. Acesso em: 09 set. 2017.

RADIN, José Carlos. **Representações da colonização**. Chapecó: Argos, 2009.

RENK, Arlene. **A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros**. Artigo publicado nos cadernos do CEOM v.5, n.1 (1991).

RENK, Arlene. **Uns trabalham e outros lutam: brasileiros e a luta na erva***. Publicado em: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 239-258, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a10.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

RISSE, Ana; MAGRO, Márcia; LAJÚS, Maria. **Imigração e trabalho precário: Reflexões acerca da chegada da população haitiana no oeste de Santa Catarina**. PERIPLOS, GT CLACSO - Migración Sur-Sur, Volume 01 - Número 01. (2017).

SAMORA, Roberto. **Receita recorde com exportação de carne fica para 2011**. Atualizado em 13/12/2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/receita-recorde-com-exportacao-de-carne-fica-para-2011-1.html>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **O que é um imigrante?** Artigo publicado em Peuples méditerranéens, n.7, abr-jun, 1979, p. 3-23.

SCHUCAMAN, Lia. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Tese de doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Questão racial no Brasil.** São Paulo: Estação Ciência, 1996.

MENDES, Gerliane. **Ser imigrante e negra no sul do Brasil.** Direção de Gerliane Mendes. Chapecó: Neabi: Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas, 2017. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3bDrSEZgtvw&t=297s>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

STAUDT, Taíse. **Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil.** Chapecó, 2018.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou.** Publicado em: Novos estudos 86, Março 2010.

SUGIMOTO, Luiz. **O dramático vai e vem dos haitianos: Causadas por fatores econômicos e geopolíticos, idas e vindas são mapeadas por pesquisadora.** Jornal da UNICAMP. Publicado em 16 ago 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/08/16/o-dramatico-vai-e-vem-dos-haitianos>>. Acesso em: 20 set. 2018.

WERLANG, Alceu. Processo de colonização do Oeste de Santa Catarina atuação da Cia. Territorial Sul Brasil. Unochapeco: **Cadernos do CEOM**, v. 9, n. 9, ANO, p. 09-46. >Werlang. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2112>>. Acesso em: 9 mai 2017.

ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA IMIGRANTES HAITIANOS

TRAJETÓRIA PARA O BRASIL

1. O que você sabia do Brasil antes de vir para cá?
2. O que levou você a decidir vir para o Brasil? Quais informações sobre o Brasil você tinha?

⇒ Explorar se tinha conhecidos, parentes, amigos no Brasil?
3. Qual foi o primeiro lugar que você chegou no Brasil? Como veio parar em Concórdia?

⇒ Expectativa que a pessoa fale sobre os lugares pelos quais passou
⇒ explorar como chegou em Concórdia? Quem conhecia? Por quem foi recebida?
4. Como tem sido sua experiência de morar no Brasil? Você acredita que a decisão de vir para o Brasil foi acertada?
5. Você pretende continuar morando em Concórdia?

REDES SOCIAIS E FAMILIARES

6. Com que você mora aqui em Concórdia?

⇒ se disser que mora com a família e a família não apareceu no bloco anterior, explorar quando os membros familiares chegaram e como chegaram; depois de quanto tempo.
⇒ se morar com amigos; explorar quem são os amigos; se se conheceram aqui.
7. Se disser que mora com os filhos ⇒ explorar se os filhos estão na escola; idade, se nasceram no Brasil ou no Haiti

Seus filhos frequentam escola aqui? Como tem sido a experiência do filho/filha com a escola?

TRAJETÓRIAS LABORAIS:

8. Você está empregado/a? Qual a sua atividade atual? Qual foi a sua primeira experiência de trabalho no Brasil? Como você entrou nesse trabalho (o primeiro)?

⇒ Se tiver mais de uma experiência, explorar? Quanto tempo? Se teve algum problema com o trabalho? Por que saiu dos trabalhos.
9. Como é a sua relação de trabalho com os seus colegas brasileiros?

10. Você já viveu alguma situação de conflito no trabalho?
11. Se você pudesse mudar alguma coisa no seu trabalho o que você mudaria?
12. Quais são as suas expectativas futuras em relação ao seu trabalho?
13. Se o entrevistado tiver mulher: Onde a sua mulher trabalha? Se for uma mulher: onde o seu marido trabalha?

OUTROS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

14. Nos finais de semana que você não está no trabalho que lugares você frequenta na cidade?

⇒ Vai explorar dependendo da resposta

⇒ A expectativa é que o tema da Igreja entre aqui de forma espontânea

Se a resposta for Igreja

15. Há quanto tempo você frequenta essa Igreja? Como você conheceu essa Igreja?
16. Você conhece os brasileiros que frequentam a sua Igreja? Como é o contato com eles?
17. Você frequentava esse Igreja no Haiti?
18. Por que para você frequentar a Igreja no Brasil é importante?

EXPERIÊNCIA COM O RACISMO

Se o tema do racismo não tiver aparecido antes, você vai introduzir. Se ele tiver aparecido você vai puxar esse bloco para o momento em que a pessoa falar. Imprima com boa qualidade a foto do ponto de ônibus e mostre para a pessoa.

19. Você viu essa pichação no ponto de ônibus X?

⇒ Explorar os sentimentos das pessoas em relação à foto?

1. Você já viu pela cidade outras manifestações parecidas com essa?
2. Quem você acha que faz esse tipo de manifestação?

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este termo visa preservar os direitos dos entrevistados e a ética na pesquisa

Claudete Gomes Soares professora da Universidade Federal - Campus Chapecó, com doutorado em Ciências Sociais, está desenvolvendo a pesquisa **Negritude e Branquitude uma análise da integração haitiana no oeste de Santa Catarina**, com objetivo de mapear o lugar de diferentes identidades no processo de integração e interação no contexto do oeste catarinense, especialmente na cidade de Chapecó e Concórdia. O estudo é sobre como pessoas oriundas de diferentes grupos e que acionam diferentes identidades se relacionam entre si, com a cultura e com a cidade. As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são Claudete Gomes Soares (Coordenadora), Taíse Staudt e Vivian Stefany Ribeiro (auxiliares de pesquisa), e com elas poderei manter contato pelos e-mails claudete.soares@uffs.edu.br, taisesta@gmail.com, viviancdia@hotmail.com.

Eu sou convidado (a) a participar deste estudo. Eu sei que a participação neste estudo é absolutamente voluntária. Eu tenho o direito de recusar-me a participar ou desistir em qualquer ponto deste estudo.

Por intermédio deste termo eu autorizo o uso da minha entrevista e declaro que me foram garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa.

Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com a coordenadora da pesquisa, professora Dr^a Claudete Gomes Soares.

Concórdia, ____ de _____ de 2018.

Assinatura participante: _____

Assinatura do entrevistador: _____